

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

JURANDIR ANDRADE BARBOSA

**TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO: UM ESTUDO DOS *COMENTÁRIOS*, DE
CABEZA DE VACA**

**CAMPO GRANDE-MS
Abril - 2009**

JURANDIR ANDRADE BARBOSA

**TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO: UM ESTUDO DOS *COMENTÁRIOS*, DE
CABEZA DE VACA**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Rosana Cristina Zanelatto Santos.

Área de Concentração: Teoria Literária e Estudos Comparados.

CAMPO GRANDE

Abril – 2009

JURANDIR ANDRADE BARBOSA

**TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO: UM ESTUDO DOS *COMENTÁRIOS*, DE
CABEZA DE VACA**

APROVADA POR:

ROSANA CRISTINA ZANELATTO SANTOS, DOUTORA (UFMS)

ELIZABETE APARECIDA MARQUES, DOUTORA (UFMS)

ANTONIO ROBERTO ESTEVES, DOUTOR (UNESP)

Campo Grande, MS, 02 de abril de 2009.

À minha família, um arrimo constante nesta caminhada.

À Profa. Rosana, comigo desde a graduação.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação foi possível graças à colaboração de muitas pessoas. Manifestamos nossa gratidão em especial:

ao meu esposo Elmes e aos meus filhos: Douglas, Pauline e Luciene, pela compreensão com minha dedicação aos estudos;

à Profa. Rosana, minha orientadora desde a Iniciação Científica;

às Professoras Elizabete e Maria Adélia, por suas preciosas observações e correções durante a banca de Qualificação;

aos professores e aos colegas do Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul;

à Profa. Damaris, pelo auxílio durante o período em que estive como professora voluntária no Departamento de Letras do CCHS;

à Profa. Iromar, pelo empréstimo e pela sugestão de material bibliográfico para esta dissertação;

ao Rodrigo Gomes, pelo apoio técnico;

à Dani, secretária do Mestrado;

à CAPES, pela concessão de bolsa de estudos.

Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta.

Traduzir uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte -
será arte?

FERREIRA GULLAR

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
RESUMEN.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – RELAÇÕES ENTRE OS ESTUDOS CULTURAIS E OS GÊNEROS TEXTUAIS.....	12
1.1- Os cronistas do Novo Mundo.....	17
1.2- A narrativa de Cabeza de Vaca.....	29
CAPÍTULO 2 – OS ESTUDOS DE TRADUÇÃO E AS NARRATIVAS DE VIAGEM.....	43
2.1 – Os Estudos de Tradução.....	47
2.1.1 – A Desconstrução.....	49
2.1.2 – Teoria e Prática.....	50
CAPÍTULO 3 – CRÍTICA À TRADUÇÃO BRASILEIRA DE COMENTÁRIOS.....	57
3.1 – Os <i>Comentários</i> no Brasil.....	57
3.2 – Análise da tradução brasileira de <i>Comentários</i>: tradução ou adaptação?.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83

RESUMO

Este trabalho, intitulado *Tradução e Adaptação: um estudo dos Comentários, de Cabeza de Vaca*, tem como objetivo, valendo-se precipuamente dos Estudos de Tradução, analisar a estrutura da tradução, em língua portuguesa, de *Comentários*, do espanhol Álvaro Núñez Cabeza de Vaca. Em hipótese, nosso estudo pode ser considerado um instrumento capaz de reunir e trazer à tona elementos linguísticos, históricos e culturais da percepção desse colonizador espanhol do século XVI sobre a América Platina. Propomos demonstrar como a estrutura da tradução de *Comentários*, em língua portuguesa, está carregada/permeada de elementos que não somente suprimem trechos do texto original, em língua espanhola, como também alteram, mudam percepções diversas daquelas estabelecidas por Cabeza de Vaca. Identificamos e relacionamos algumas das principais limitações da única tradução disponível em língua portuguesa de *Comentários*, no tocante aos aspectos linguísticos, históricos e culturais e quais as possíveis consequências lingüístico-culturais da (re)significação de alguns dos trechos e excertos do original espanhol de *Comentários* na sua tradução em língua portuguesa. Nesta dissertação, na análise da tradução brasileira de *Comentários* por Jurandir Soares dos Santos, o referencial teórico a ser utilizado recairá sobre o conceito de desconstrução de Jacques Derrida, os Estudos de Tradução e o conceito de tradução exposto sobretudo nas obras de Rosemary Arrojo.

Palavras-Chave: Tradução; *Comentários*; Álvaro Núñez Cabeza de Vaca.

RESUMEN

Este trabajo, intitulado *Traducción y Adaptación: un estudio de los Comentarios, de Cabeza de Vaca*, tiene como objetivo, valiéndose precipuamente de los Estudios de Traducción, analizar la estructura de la traducción en lengua portuguesa, de *Comentarios*, del español Álvaro Núñez Cabeza de Vaca. En hipótesis, nuestro estudio puede ser considerado un instrumento capaz de reunir y traer a colocación elementos lingüísticos, históricos y culturales de la percepción de ese colonizador español del siglo XVI sobre la América Platina. Proponemos demostrar como la estructura de la traducción de *Comentarios*, en lengua portuguesa, está salpicada/traspasada de elementos que no sólo suprimen trechos del texto original, en lengua española, como también alteran, cambian percepciones diversas de aquellas establecidas por Cabeza de Vaca. Identificamos y relacionamos algunas de las principales limitaciones de la única traducción disponible en lengua portuguesa de *Comentarios*, en lo tocante a los aspectos lingüísticos, históricos y culturales y cuales las posibles consecuencias lingüístico-culturales de la (re)significación de algunos de los trechos y excertos del original español de *Comentarios* en su traducción en lengua portuguesa. En esta disertación, en el análisis de la traducción brasileña de *Comentarios* por Jurandir Soares dos Santos, el referencial teórico a ser utilizado recaerá sobre el concepto de desconstrucción de Jacques Derrida, los Estudios de Traducción y el concepto de traducción expuesto sobre todo en las obras de Rosemary Arrojo.

Palabras-Clave: Traducción; *Comentarios*; Álvaro Núñez Cabeza de Vaca.

INTRODUÇÃO

Os Estudos Culturais são uma área do saber na qual diversas disciplinas interagem na prospecção global dos aspectos que compõem a estrutura por onde circula o homem, chamada cultura. Neste trabalho, são os Estudos de Tradução que dão o tom teórico às nossas análises.

O trabalho de todo tradutor apresenta como principal elemento caracterizador a necessidade de uma “apropriação” cultural, dado que a língua de origem (objeto da tradução) guarda estreita ligação com o substrato cultural no qual é produzida. Tanto é assim que na língua de chegada (resultado da tradução) há aspectos que obrigam o tradutor a atuar como uma espécie de “adaptador” cultural.

Se remetermos tais considerações para os documentos históricos, especialmente aqueles que buscam relatar viagens em épocas distantes, podemos verificar que, mais do que apenas traduzir informações e dados, é tarefa da tradução atuar como um instrumento capaz de revelar e reunir elementos da cultura, da língua, da geografia e da história de uma determinada realidade. Caso contrário, o texto traduzido corre o risco de ter seu sentido maior esvaziado.

A tradução em língua portuguesa no Brasil da obra *Comentários* foi realizada por Jurandir Soares dos Santos e editada em 1999 pela L&PM POCKET, de Porto Alegre. O original em língua espanhola que utilizamos para a comparação estabelecida neste trabalho é de 1992, editado pela Editora Anaya de Madrid.

Durante nossa graduação em Letras, desenvolvemos o trabalho de Iniciação Científica intitulado: *As fronteiras literárias e não literárias na obra de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca*. Para tanto, utilizamos a tradução supracitada dos *Comentários*. Para nossa surpresa, ao preparar o anteprojeto para ingresso no Mestrado em Estudos de Linguagens, verificamos vários problemas com respeito à sua tradução na comparação com a edição espanhola de 1992. Procuramos, então, outra tradução em língua portuguesa que substituísse aquela já usada. Encontramos apenas uma, porém sem qualquer referência ao tradutor. Optamos, assim, a continuar com a tradução de Jurandir Soares dos Santos, tomando como objeto de análise desta dissertação.

A tradução da Editora L&PM POCKET dos *Comentários* não pode deixar de ser considerada uma iniciativa bem vinda, por sua importância como objeto de estudo, sendo, ainda, a única tradução, com referência explícita ao tradutor, da obra de Cabeza

de Vaca disponível no Brasil. No entanto, apesar de ser benfazeja, não podemos abandonar a crítica, indispensável para uma melhor inteligência não somente do texto de Cabeza de Vaca, mas também para aferir que outros fatores acabam por confluir no processo de tradução.

Para expor nossa proposição crítica acerca da tradução dos *Comentários* no Brasil, esta dissertação está dividida em três capítulos: no primeiro capítulo são objeto de análise os textos escritos por viajantes e por missionários europeus que estiveram na América Latina, mais especificamente no Brasil, no século XVI, relatando suas impressões sobre a terra e seus habitantes. Esses textos informativos são depoimentos e relatos de viagens, com a finalidade de apresentar aos compatriotas como era o Novo Mundo. Entre eles podemos destacar os textos de: Pero Vaz de Caminha, André Thevet, Jean de Léry, Fernan Cardin, Manoel da Nóbrega, entre outros. Nosso objetivo é demonstrar que há um discurso comum entre os narradores e que, no texto de Cabeza de Vaca, há alguns desvios desse lugar comum.

No segundo capítulo utilizamos a pesquisa bibliográfica que adentra nos Estudos de Tradução. Isso não somente é desejável, mas também imprescindível, dado que se trata de uma comparação crítica entre apresentações (a hispânica e a brasileira, respectivamente) que se querem correlatas de uma obra escrita. Aqui as percepções de Derrida e de Arrojo são essenciais, tendo em vista sua relevância no universo dos Estudos de Tradução, colocando em questão paradigmas binários até hoje aceites nesses Estudos.

No terceiro capítulo centramos nossa atenção no estudo da tradução em língua portuguesa dos *Comentários*, sem perder de vista tudo o que foi proposto e posto em cena nos capítulos primeiro e segundo. Nele esboçamos algumas propostas para a tradução de trechos problemáticos do texto publicado no Brasil pela L&PM POCKET. Em tempo: o texto de Cabeza de Vaca por nós analisado perpassa toda esta dissertação, não ficando reduzido ao terceiro capítulo.

CAPÍTULO I

RELAÇÕES ENTRE OS ESTUDOS CULTURAIS E OS GÊNEROS TEXTUAIS

A palavra gênero é um termo que não se restringe à literatura. Do latim *generu(m)*, é um termo do léxico que designa família. Nesse sentido é que a palavra foi empregada até a Renascença.

O problema dos gêneros remonta à antiguidade greco-latina e permanece vivo até os nossos dias. A mais antiga notícia de problematização localiza-se na *República* de Platão, segundo quem haveria três modalidades de imitação ou mimese: 1 – A tragédia e a comédia (no teatro); 2 – O ditirambo (na poesia lírica); e 3 – A poesia épica. Ainda não era a tripartição dos gêneros, que é oriunda do espírito romântico.

Historicamente foi com Aristóteles que houve a primeira tentativa de sistematização das “formas” literárias. Como a sua *Poética* chegou até nós incompleta, apenas temos uma idéia aproximada da sua concepção de gênero.

Falemos da natureza e espécies da poesia, do condão de cada uma, de como se hão de compor as fábulas para o bom êxito do poema: depois, do número e da natureza das partes e bem assim da demais matéria dessa pesquisa, começando, como manda a natureza, pelas noções mais elementares (ARISTÓTELES, 1990, p. 19).

Ao utilizar a palavra “espécies”, Aristóteles nos dá a idéia distinta de categorias e de descrever, teoricamente, as leis que as regem. Assim, pela primeira vez, a concepção de gênero aparece isolada.

Aristóteles faz duas distinções fundamentais:

A epopéia, o poema trágico, bem como a comédia, o ditirambo e, em sua maior parte, a arte do flauteiro e a do citaredo, todas vêm a ser, de modo geral, imitações. Diferem entre si em três pontos: imitam ou por meios diferentes, ou objetos diferentes, ou de maneira diferentes e não a mesma (1990, p. 19).

Aristóteles se refere à epopéia, à tragédia à comédia, ao ditirambo, à aulética e à citarística e explica todas elas, especialmente a tragédia, afirmando haver superioridade na tragédia em relação à epopéia.

Os gêneros sempre exerceram um papel fundamental nas historiografias literárias. Na maioria das vezes, “as histórias representam as histórias dos gêneros”

(MICHAEL; SCHÄFFAUER, 2001, p. 7). As historiografias, ao omitirem o problema dos gêneros, tratam-no como ordenamento histórico ou como nuances de identidades literárias.

Mikhail Bakhtin desenvolveu sua teoria dos gêneros baseada nos enunciados linguísticos, sendo que seu objetivo primeiro era a análise do processo histórico-dialógico. Segundo ele, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. Por isso, a enunciação e o estudo da natureza e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de extrema importância para os campos da lingüística e da filologia (*cf.* BAKHTIN, 2003, p. 264).

Além de ser um princípio hierarquizante ou uma taxonomia arbitrária, como afirmam os críticos, os gêneros são categorias de intermediação. Esse é o principal fundamento de sua constituição, porque os gêneros nascem da inter-relação contínua entre gêneros discursivos primários/simples e entre os secundários/complexos, incorporando nesse contexto a história da cultura.

Dentro da relativa estabilidade e normatividade dos enunciados que compõem os gêneros dos discursos, é possível apreendê-los visto que:

Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas) (BAKHTIN, 2003, p. 283).

Uma obra existe por intermédio de outras obras criadas anteriormente, transformando-se a partir de outros textos; é a “mistura” que cria a obra-prima. Victor Hugo, por exemplo, quebrou algumas das regras dos gêneros, reivindicando o direito de misturar numa tragédia e numa comédia uma poesia. Sem apoiar totalmente as idéias de Victor Hugo, os criadores modernos empenharam-se na produção de obras híbridas, desafiando as etiquetas canônicas. Mas a contestação mais clara da modelização consiste na contaminação das formas, como nas obras contemporâneas, estabelecendo o direito à polifonia.

Barros utiliza a palavra polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. Em outras palavras, há textos polifônicos e monofônicos: no primeiro caso, os diálogos entre os discursos mostram-se, deixam-se ver; no segundo, eles se ocultam como um discurso único, de uma única voz. Dessa forma, a monofonia e a polifonia de um discurso são efeitos de sentido decorrentes de procedimentos discursivos que se utilizam em textos dialógicos (cf. BARROS, 1999, p. 5-6).

Os estudos dos gêneros na América Latina, mais precisamente sobre o hibridismo dos gêneros, mostram as passagens intergenéricas para a alteridade cultural. Haroldo de Campos é o precursor das discussões entre os gêneros e os meios, tratando os gêneros de um ponto de vista sistemático, analisando a perda de identidade nos gêneros latino-americanos, especialmente os brasileiros, resultante da canonização de gêneros considerados pela tradição européia inferiores. Com esse argumento, ele antecipa o debate atual sobre os gêneros literários.

Haroldo de Campos reconhece que o hibridismo tem suas raízes profundas em um complexo tecido social e assinala que:

O 'hibridismo dos gêneros', no contexto da revolução industrial que se inicia na Inglaterra na segunda metade do século XVIII, mas que atinge o seu auge, com o nascimento da grande indústria, na segunda metade do século XIX, passa a se confundir também com o hibridismo dos *media*, e a se alimentar dele. A emergência da grande imprensa desempenha um papel fundamental nos rumos da literatura. A linguagem descontínua e alternativa, característica da conversação, vai encontrar na simultaneidade e no fragmentarismo do jornal seu desaguadouro natural (CAMPOS, 1977, p. 15-16).

O processo de desconstrução dos gêneros no espaço literário brasileiro tem um precursor: trata-se de Joaquim Sousa Andrade, o Sousândrade, poeta marginalizado por seus contemporâneos porque sua linguagem ultrapassava o limiar de compreensão de seu tempo. Seu poema "Guesa", composto de treze cantos, foi publicado em 1867 e explicitava uma técnica de composição por fragmentos e que não apresentava vínculo com a arte de seu tempo. O próprio poeta acreditava que seu poema não era dramático, nem épico, nem lírico, mas se aproximava da narrativa.

Vejamos a primeira das 176 estrofes que compõem o episódio do Inferno de Wall Street em "Guesa", que se passa na Bolsa de Nova York, na década de 1870:

(O GUESA tendo atravessado as ANTILHAS, crê-se livre

dos XEQUES e penetra em NEW YORK-STOCK-EXCHANGE; a voz, dos desertos:)
- Orfeu, Dante, Aeneas, ao inferno
Desceram; o Inca há de subir...
= *Ogni sp'ranza lasciate,*
Che entrate...
- Swedenborg, há mundo por vir? (SOUSÂNDRADE *apud* CAMPOS, 1977, p. 23).

Na obra de Sousândrade, “insulado patriarca latino-americano da poesia de vanguarda”, conforme as palavras de Campos, confirma-se a dissolução dos gêneros preconizada pelos românticos.

A mistura dos gêneros, sempre percebida, mas não legitimada, caracteriza um problema que implica na “contaminação” dentro da literatura, ou entre a literatura e outros discursos. Nesse caso, temos como exemplos a autobiografia, o diário íntimo e a narrativa da viagem, além de outros gêneros que perpassam pelas fronteiras da literatura e de outras áreas do conhecimento.

A importância de se estudar o gênero e suas interrelações e, no caso deste trabalho, as narrativas de viagens do século XVI é que com o auxílio dos Estudos Culturais podemos ler o gênero e esses relatos com olhos diferentes. As narrativas com temas de viagens tornaram-se um motivo recorrente nos discursos da cultura brasileira, tanto na literatura como naqueles veiculados pelas mídias contemporâneas. Usa-se a viagem como um deslocamento espacial, elemento de tensão/de dramatização que se acentua em tempos de globalização econômica e cultural.

A viagem é uma experiência humana, singular, única para aquele que a vive. É um testemunho humano que se inscreve num momento preciso da história cultural de um país, do viajante e do leitor. É apropriação de um determinado espaço geográfico e, como leitura, fator de transformação cultural, construída pela disseminação das idéias fruto das migrações de escritores e de artistas.

Segundo Todorov (1999, p. 20-21), os relatos de viagens não mudaram. A primeira característica importante do relato é que parece existir uma tensão entre o sujeito observador e o objeto observado. O relato é uma variação pessoal e não descrição objetiva. É também a viagem um marco com situações exteriores ao sujeito. Por outro lado, se o autor falasse só de si mesmo, ficaria de fora do gênero relato de viagem.

A fronteira, se por um lado, é a ciência, por outro, é a autobiografia. O relato de viagem vive do contato entre o(s) espaço(s) visitado(s) e a biografia do viajante. O que seria viver em um mundo sem fronteiras? Em primeiro lugar é relevante lembrar que

fronteira nos faz pensar em território. Costa (2006) destaca a amplitude do conceito de território. Segundo o autor, enquanto a Geografia enfatiza a materialidade do território em suas múltiplas dimensões (incluindo necessariamente a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder; a Economia prefere a noção de espaço à de território, percebendo-o como um fator locacional ou como uma das bases de produção; a Antropologia destaca sua dimensão simbólica no estudo das sociedades tradicionais; a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais; e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo.

Costa (2006, p. 40-41) sintetiza as várias noções de território em quatro vertentes básicas: a política, a cultural, a econômica e a “natural”. Embora reconheça a importância da distinção do conceito de território focalizado nas quatro dimensões, a resposta a esses referenciais dependerá, sobretudo, da posição filosófica adotada pelo pesquisador.

A segunda característica do gênero relato de viagem é a localização das experiências contadas no tempo e no espaço. No espaço, o relato de viagem narra a descoberta do Outro. Num espaço que lhe seja alheio, o viajante descobrirá, esquecerá ou inventará o Outro. A relação com o Outro constitui um elemento básico da narrativa de viagem: o viajante comunicará informações, mas elas entram em concorrência com toda uma herança cultural: os clichês, a psicologia dos povos, o que foi produzido na época, a herança cultural, tudo virá para confirmar ou modificar o juízo do Eu sobre o Outro.

A experiência humana da viagem não deve fazer esquecer a maneira e a forma segundo as quais essas aventuras foram transcritas. A viagem, numa perspectiva cultural, é um conjunto de informações, mas é importante verificar a maneira e a forma linguística e estética escolhidas para realizar esse tipo de relato. No estudo da escrita do viajante também não devemos esquecer certas perspectivas históricas: as circunstâncias da publicação do relato; a distância que existe entre a redação e a publicação; a formação do viajante e os seus preconceitos, que podem explicar os juízos emitidos sobre o estrangeiro.

Outro elemento importante na escrita do viajante é a subjetividade própria dessa narrativa. O viajante mistura observação e imaginação, estando o Eu que escreve descrevendo a sua viagem ao lado do Eu que viaja, alternando o Eu íntimo com o

espaço percorrido, descrito. Paralelamente ao percurso, desenvolve-se a escrita sobre si próprio, o desdobramento da escrita que pensa esse percurso de viagem (cf. MACHADO; PAGEAUX, 2001, p. 42-43).

1.1 Os cronistas do Novo Mundo

A narrativa de viagem, o diário de bordo, as cartas podem ser designadas sob o termo genérico de “crônica”, do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*. O termo crônica foi empregado primeiramente no início da era cristã, designando uma lista ou uma relação de acontecimentos, arranjados conforme a seqüência linear do tempo. Colocada entre os anais da história e a historiografia, a crônica registrava os eventos, sem aprofundar-se em suas causas ou dar-lhes qualquer interpretação. Em tal acepção, atingiu o ápice e depois do século XII, na França, na Inglaterra, em Portugal e na Espanha, quando se aproximou da história, mas também apresentando traços de ficção literária.

Termo corrente até o século XVI, “crônica” começa, a partir daquela época, a ser substituída por “história”. Liberto de sua conotação histórica, o vocábulo passou a revestir-se de sentido literário a partir do século XIX, para rubricar textos que só longinquamente se vinculavam à primitiva forma de crônica.

A crônica moderna teria sido inaugurada pelo francês Jean Louis Geoffroy, em 1800, no *Journal des Débats*, onde periodicamente estampava *feuilletons*. Seus imitadores de língua portuguesa, depois de 1836, traduziam o termo para “folhetim”, mas já nos finais dos anos 1840, a palavra crônica voltou a ser utilizada na acepção de “narrativa histórica”. Alguns escritores brasileiros, entre eles, José de Alencar e Machado de Assis, cultivaram a nova modalidade de escrita literária. De lá para cá, o prestígio da crônica não deixa de crescer, alcançando larga difusão com João do Rio, entre 1900 e 1920, sendo seguido por escritores como: Rubem Braga, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, entre outros (cf. MOISÉS, 1997, p. 101-102).

Os primeiros textos escritos sobre as Américas, sobre o Novo Mundo pelos cronistas dos descobrimentos e depois pelos viajantes colonizadores têm uma característica comum: a negação de uma identidade aos habitantes das Américas,

insistindo nessa negação e na carência dessa marca, cunhando uma matriz identitária pela privação, pela falta.

Essa visão etnocêntrica dos primeiros viajantes europeus corresponde a uma radical negação do Outro, do ameríndio como senhor e dono de suas terras, para depois, por via especialmente do processo de cristianização, atribuir aos povos recém descobertos uma identidade semelhante aos dominadores.

A literatura da América se abre com o livro de viagens de Cristóvão Colombo. *El Diario de Colón (O Diário de Colombo)* é um texto fundador em muitos sentidos, inclusive no que diz respeito ao gênero relato de viagem. Nele encontramos características que se projetam através dos séculos e que poderiam servir ao viajante que chegava às terras americanas. Temos, por exemplo: as descrições da terra: “*Crean Vuestras Altezas que es esta tierra la mejor y más fértil y temperada y llana y buena que haya em el mundo*”¹ (COLÓN, 1968, p. 40); a primeira referência da visão dos índios no dia 12 de outubro de 1492: “*Luego vieron gente desnuda*”² (p.25), “*Ellos andan todos desnudos como su madre los parió, y también las mujeres*”³ (p. 26). No dia 16 de dezembro de 1492, Colombo escreveu: “*Este rey y todos los otros andaban desnudos como sus madres los parieron, e así las mujeres sin algún empacho*”⁴ (p. 110); a utilização de imagens comparativas para as descrições: “*Hay otros muchos ríos grandes; en especial tres, los cuales creía que debían tener mucho más oro que aquél, [...] casi tan grande como Guadalquivir por Córdoba*”⁵ (p. 156), “*Los arcos de aquella gente dice que eran tan grandes como los de Francia e Inglaterra*”⁶ (p. 166); as descrições que se caracterizam pela negatividade: “*Ellos no traen armas ni las conocen, porque les mostré espadas y las tomaban por el filo, y se cortaban por ignorância. No tienen algún hierro. Sus azagayas son unas varas sin hierro*”⁷ (p. 27), “*Esta gente es muy mansa y muy temerosa, desnuda como dicho tengo, sin armas y sin ley*”⁸ (p. 59),

¹ Acreditem Vossas Altezas que esta terra é a melhor e mais fértil, temperada, plana e boa que há no mundo (Tradução nossa).

² Então viram pessoas nuas (Tradução nossa).

³ Eles andam todos nus e as mulheres também, como suas mães os pariram (Tradução nossa).

⁴ Este rei e todos os outros andavam nus como suas mães os pariram, assim como as mulheres, sem nenhum embaraço (Tradução nossa).

⁵ Há muitos outros rios grandes, em especial três, os quais acreditavam ter muito mais ouro do que aquele, [...] quase tão grande como Guadalquivir por Córdoba (Tradução nossa).

⁶ Disse que os arcos daquela gente eram tão grandes como os da França e Inglaterra (Tradução nossa).

⁷ Eles não trazem armas nem as conhecem, porque mostrei-lhes as espadas e as tomavam pelo fio e se cortavam por ignorância. Não tem ferro algum. Suas azagaias são umas varas sem ferro (Tradução nossa).

⁸ Esta gente é bem mansa e bem medrosa, nua como tenho dito, sem armas e sem lei (Tradução nossa).

*“Porque ellos no tienen secta ninguna ni son idólatras”*⁹ (p. 84), *“Y que así lo había hecho ayer, sin que se tomase una migaja de pan ni outra cosa alguna; tanto (dice el Almirante) son fieles y sin codicia de lo ageno”*¹⁰ (p. 135).

Depois de *O Diário de Colombo*, muitos homens viajaram por terras americanas, deixando em suas crônicas, diários e cartas o relato do que viram e viveram nos livros que escreveram ao regressar aos seus lugares de origem, livros estes lidos avidamente por um público desejoso de conhecer o que ocorria naqueles lugares exóticos, diferentes dos que constituíam a sua realidade.

Colombo foi um enviado dos reis da Espanha, portador de uma missão conferida pelo poder que lhe foi outorgado pela realeza de explorar, descobrir e dominar, de incorporar novos espaços, novas fontes de riquezas para a metrópole em expansão. Era possuidor de um conhecimento prévio, de leituras anteriores, como o livro de Marco Pólo. Colombo lê a realidade a partir de expectativas já determinadas por aquele conhecimento anterior (*cf.* PIERINI, 1994, p. 163).

O olhar do descobridor era considerado um olhar superior. Colombo era o dono do saber, o representante de um pensamento concebido como único e verdadeiro. Os outros homens que se encontravam em seu caminho no Novo Mundo eram apenas objetos de seus conhecimentos, não entendidos, nem reconhecidos como sujeitos. A comunicação era feita em uma só direção. Colombo fazia perguntas que não eram compreendidas e interpretava respostas que diziam o que ele queria. Mais adiante estaria Cipango¹¹. Em suas ilhas encontraria o ouro que tanto procurava; em outras, os seres fabulosos e os monstros que povoavam o imaginário medieval.

[...] y después partir para outra isla grande mucho, que creo que debe ser Cipango, según las señas que me dan estos indios que yo traigo, a la cual ellos llaman Colba, en la cual dicen que há naos muchos y muy grandes, y desta isla otra que llaman Bohio, que también dicen que es muy grande. Y a las otras que son entremedio veré así de pasada, y según yo hallare recaudo de oro o especería, determinaré lo que he de hacer (COLÓN, 1968, p. 45).¹²

⁹ Porque eles não têm seita nenhuma, nem são idólatras (Tradução nossa).

¹⁰ E que assim o havia feito ontem sem que se tomasse uma migalha de pão nem alguma outra coisa (diz o Almirante), são fiéis e sem cobiça do alheio (Tradução nossa).

¹¹ “Cipango é o antigo nome do Japão. É um conjunto de ilhas situado no extremo leste da Ásia e formado por quatro ilhas principais, que são: Hokkaido, Honshu, Shikoku e Kyushu, além de numerosas ilhas menores que ficam em torno das quatro. Foi pensando em chegar a esse país que Cristóvão Colombo navegou da Europa até o Poente e descobriu a América” (SING, 1983, p. 63).

¹² E depois partir para outra ilha muito grande que acredito ser Cipango, segundo os sinais que me dão esses índios que eu trago, à qual eles chamam Colba, na qual dizem que há muitas naus bem grandes, e desta outra ilha que chamam Bohio, também, dizem que é bem grande. E as outras que são menores verei de passagem e segundo eu encontrar ouro ou especiarias, determinarei o que fazer (Tradução nossa).

O texto de Colombo inaugura alguns modelos que para os olhos europeus estarão unidos para sempre à imagem da América: a natureza idílica e exuberante e o bom selvagem, manso, que promete ser um bom servidor: “[...] *y así son buenos, para les mandar y les hacer trabajar, sembrar, y hacer todo lo otro que fuese menester*”¹³ (COLÓN, 1968, p. 112).

Outra característica da crônica de Colombo e de seus sucessores é a utilização do termo *maravilhoso*, o que nos autoriza a afirmar que o diário de bordo de Colombo funcionou como matriz textual aos cronistas que o sucederam. Não podemos afirmar se os viajantes que estiveram no Brasil leram *O Diário de Colombo*, mas podemos rastrear em seus escritos algumas constantes colombinas.

[...] Aquí son los peces tan disformes de los nuestros, que es maravilla. Hay algunos hechos como gallos, de los más finos colores del mundo, azules, amarillos, colorados y de todos colores, y otros pintados de mil maneras; y las colores son tan finas, que no hay hombres que no se maraville y no tome gran descanso a verlos (COLÓN, 1968p. 36-37).¹⁴

Quando nos aproximamos do conjunto de formações discursivas que se observa sobre o Novo Mundo entre os séculos XV e XIX – durante a história colonial da América –, a linguagem ultrapassa as fronteiras disciplinares, num espaço de (con)fusão, de intersecção de disciplinas, como a História Cultural, a Sociologia da Cultura, a História da Literatura, a Antropologia, etc. A estreita perspectiva histórico-literária tradicional não dá conta de uma realidade múltipla em manifestações, como as que podemos observar hoje: a oralidade, a diversidade de estratos míticos, a tradução, a multiplicidade de línguas em contato, os escritos de ordem cultural diferenciados e geradores de sentido. Assim, o discurso crítico deve deslizar suas significações para o gesto, o texto, a musicalidade, o ritual, a versão oral, a transcrição e a transposição para um código cultural diferente.

Mais que juízo de valor de sua escritura, temos que pensar os textos dos cronistas como formadores da literatura latino-americana, não por suas propriedades estéticas/literárias, mas como documentos fundamentais de uma cultura, como textos que se inscrevem no ato fundacional. Aí a escritura cumpre uma função simbólica que

¹³ E assim são bons, para mandá-los e fazê-los trabalhar, semear e fazer tudo o que for necessário (Tradução nossa).

¹⁴ Aqui os peixes são tão diferentes dos nossos, que é maravilhoso. Há alguns que são semelhantes aos galos, das mais finas cores do mundo, azuis, amarelos, vermelhos e de todas as cores, e outros pintados de mil maneiras, e as cores são tão finas que não há homem que não se maravilhe e não se extasie em vê-los (Tradução nossa).

se aproxima da fundação das cidades e de seu caráter instaurador. A fundação é um ato simbólico, um ato de cultura, de construção social num dilema de forças em jogo. O discurso dos cronistas exercia essa função provavelmente inconscientemente, pois se trata dos primeiros documentos que inauguram e por isso informam sobre o Novo Mundo. Porém, ao mesmo tempo, não tem a dimensão histórica de seu ato. Eles não nos podem apresentar mais do que eles próprios procuravam e esperavam encontrar. Sua exaltação narrativa significava oferecer aos reis a possibilidade de poder, de riqueza, de honra e uma certa dose de aventuras por parte dos cronistas e de seus companheiros. É uma dualidade que atravessa esse discurso (cf. PIZARRO, 1993, p. 21-27).

A *Carta de Pero Vaz de Caminha* (1976) funciona como um diário de viagem. Os acontecimentos aparecem narrados em ordem cronológica, desde o começo da viagem em Lisboa, no dia 9 de março de 1500, até o momento de deixar o Brasil em 1º de maio de 1500. Caminha registra uma progressiva descoberta dos homens e das mulheres de Porto Seguro. A primeira impressão é a mesma que Colombo tivera nas Antilhas, de que todos vão nus e são imberbes: “[...] pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas” (CAMINHA, 1976, p. 45). Num jogo de palavras, Caminha faz sua primeira comparação, dizendo das moças que tinham “suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam (ou: não nos envergonhamos)” (p.50). E, mais adiante, dirá das três ou quatro índias que andavam entre eles, que era “[...] sua vergonha tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, envergonhara, por não terem as suas como ela” (p.50).

Além disso, Caminha também faz comparações entre os costumes dos Tupiniquins e o que via em Portugal: “Disse que não vira lá entre eles senão umas choupaninhas de rama verde e de feteiras muito grandes, como as de Entre-Douro e Minho” (p. 56).

A retórica da negatividade para falar dos índios é também utilizada pelo escriba português: “Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara (p.46); “Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de (querer) falar ao Capitão; nem a alguém” (p. 47); “Não houve mais fala ou entendimento com eles, por a barbaria deles ser tamanha que se não entendia nem ouvia ninguém” (p.50); “Eles não têm coisa que de ferro seja, e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas” (p. 57); “Não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências”. E mais adiante: “Eles não lavram nem criam.

Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão deste inhame, de que há muito” (p. 60).

Desde os primeiros momentos do contato com a terra, a preocupação de Caminha foi com o ouro e a prata e em tudo lhe parecia ver indicações da existência dos metais, mesmo nos gestos mais inocentes dos nativos:

Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra. E como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata! (CAMINHA, 1976, p. 47).

A distribuição de crucifixos depois da segunda missa, no dia 1º de maio de 1500, é o ponto alto da primeira ação efetiva de catequese dos índios. Na interpretação de Caminha, o comportamento dos índios dá a entender que eles estão compreendendo o sentido da religiosidade cristã.

E acabada a pregação, trazia Nicolau Coelho muitas cruces de estanho com crucifixos, que lhes ficaram ainda da outra vinda. E houveram por bem que lançassem a cada um (a) sua ao pescoço. Por essa causa (ou por essa coisa) se assentou o padre Frei Henrique ao pé da cruz; e ali lançava a sua a todos – um a um – ao pescoço, atada em um fio, fazendo-lha primeiro beijar e levantar as mãos (CAMINHA, 1976, p. 62).

Pero de Magalhães Gândavo, em 1530, foi o primeiro historiador do Brasil. A *História da Província de Santa Cruz* foi o primeiro livro publicado por um português inteiramente dedicado ao Brasil. Em sua obra, Gândavo fez questão de relatar o descobrimento da terra antes de descrevê-la, registrando também a criação do sistema de capitanias hereditárias e detalhando cada uma delas.

Tem esta província, assim como vai lançada da linha equinocial para o sul, oito capitanias povoadas de portugueses, que contém cada uma em si, pouco mais ou menos, cinquenta léguas de costa, e demarcam-se umas das outras por uma linha lançada leste-oeste; e assim ficam limitadas por estes termos entre o mar oceano e a linha da repartição geral dos reis de Portugal e Castela (GÂNDAVO, 1980, p. 63).

A *História da Província de Santa Cruz* acabou tendo um papel incentivador da imigração para o Brasil, pois parte de observações sobre o clima, as riquezas e a possibilidade de os portugueses enriquecerem na terra recém-descoberta.

Estes moradores todos pela maior parte se tratam muito bem, e folgam de ajudar uns aos outros com seus escravos, e favorecem muito os pobres que começam a viver na terra. Isto geralmente se costuma nestas partes, e fazem outras muitas obras pias, por onde todos têm remédio de vida e nenhum pobre anda pelas portas a mendigar como nestes reinos (GÂNDAVO, 1980, p. 94).

Desde a *Carta de Caminha* na historiografia brasileira foi divulgada e banalizada a idéia de ausência de jugo político e religioso entre os índios. Gândavo não demonstra nenhuma simpatia pelos índios. Ele foi o primeiro a construir o dito do qual se diz da língua tupi que “carece de três letras: F, L e R”, uma forma canônica em que as palavras e as coisas se confundem:

A língua deste gentio toda pela Costa é uma: carece de tres letras – scilicete – não se acha nela F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente. Estes índios andam nus sem cobertura alguma, assim machos como fêmeas; não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu (GÂNDAVO, 1980, p. 52).

Gândavo repete o costumeiro vai e vêm comparativo entre a terra descoberta e Portugal: “[...] onde permanece sempre verdura com aquela temperança da primavera que cá nos oferece abril e maio. E isto causa não haver lá frios, nem ruínas de inverno que ofendem as suas plantas, como cá ofendem às nossas” (p. 82); “Há também coelhos como os de cá da nossa Pátria de cujo parecer não diferem coisa alguma” (p. 104).

O padre jesuíta Fernão Cardim, autor de *Tratados da terra e gente do Brasil*, nasceu em Viana de Alvito, Portugal em 1548 ou 1549. Entrou para a Companhia de Jesus ainda jovem, no ano de 1566. Em 1583 acompanhou o padre visitador Cristóvão de Gouveia em viagem ao Brasil pela Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Vicente, chegando até Itanhaém. Também viajou junto com o padre José de Anchieta para o sul do Brasil e assistiu às festas em homenagem ao trigésimo aniversário da cidade de São Paulo. Passou alguns anos no Rio de Janeiro e em 1598 partiu para a Europa, após ter sido eleito procurador da Província do Brasil. Quando retornou ao Brasil, em 1601, seu navio foi capturado pelo pirata inglês Francis Cooke. Levado prisioneiro para a Inglaterra, depois de vários meses regressou a Portugal, sem os manuscritos que teria

levado e que faziam parte dos *Tratados da terra e gente do Brasil*, vendidos por Cooke a um editor que traduziu as duas primeiras partes para o inglês e as publicou em 1605.

Fernão Cardim retornou ao Brasil em 1604, permanecendo muitos anos em Salvador. Morreu em 1625, em Abrantes, fugindo dos holandeses que ocupavam a capital da Bahia.

Os *Tratados da terra e gente do Brasil*, de Fernão Cardim, foram publicados na íntegra pela primeira vez em 1925, escritos na forma de verbetes informativos, quase como um dicionário, descrevendo minuciosamente a fauna, a flora e os habitantes do Brasil. Os *Tratados* desse jesuíta revelam o planejamento e a organização metodológica para traçar um painel completo da colônia.

Acajú - Estas árvores são muito grandes, e formosas, perdem a folha em seus tempos, e a flor se dá nos cachos que fazem umas pontas como dedos, e nas ditas pontas nasce uma flor vermelha de bom cheiro [...]. A Castanha é tão boa e melhor que as de Portugal; comem-se assadas, e cruas deitadas em água como amêndoas peladas [...]. Destas árvores há tantas como os castanheiros em Portugal, e dão-se por esses matos, e se colhem muitos moios das castanhas, e a fruta em seus tempos a todos farta. Destes acajus fazem os índios vinhos (CARDIM, 1980, p. 35).

Em suas descrições, Fernão Cardim demonstra simpatia por aspectos da simplicidade e da ingenuidade da vida dos indígenas: “Todos andam nus assim homens como mulheres, e não têm gênero nenhum de vestido e por nenhum casco verecundant, antes parece que estão no estado de inocência nesta parte, pela grande honestidade e modestia que entre si guardam” (CARDIM, 1980, p. 89).

Fernão Cardim, como os outros cronistas, utiliza imagens comparativas: “Os papagaios nesta terra, são infinitos, mais que gralhas, zorzais, estorninhos, nem pardais de Espanha” (p. 32); “[...] as figueiras se dão cá muito bem” (p. 58).

A primeira carta do padre Manoel de Nóbrega é do início de 1549, enviada para Portugal, sendo escrita duas semanas após sua chegada a Salvador. *Carta e Diálogo sobre a conversão do gentio* é um relato detalhado da vida cotidiana da capital da América portuguesa. A primeira observação é sobre a moral dos habitantes da Bahia: “Espero em Nosso Senhor fazer-se fruto, posto que a gente da terra vive em pecado mortal, e não há nenhum que deixe de ter muitas negras das quais estão cheios de filhos e é grande mal” (NÓBREGA, 1980, p. 237).

A preocupação com a nudez dos indígenas levou Nóbrega a ensaiar os primeiros passos para o cristianismo brasileiro, pois o que diriam “[...] os irmãos de Coimbra se

souberem que por falta de algumas ceroulas deixa uma alma de ser cristã e conhecer a seu Criador e Senhor e dar-lhe glória” (p. 238).

Para Nóbrega o problema não era somente com a nudez dos indígenas: “[...] temo o mau exemplo que o nosso cristianismo lhe dá, porque há homens que há sete e dez anos que não se confessam e parece-me que põem a felicidade em ter muitas mulheres” (p. 239).

Logo os jesuítas iniciaram o trabalho de evangelização dos índios. Começaram com as crianças: “O Irmão Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever” (p. 237). Também aprenderam a língua dos gentios: “Temos determinado ir viver com as aldeias, como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com eles a língua e il-os doutrinando pouco a pouco” (p. 237). Aos adultos, pregavam contra a poligamia e a antropofagia: “[...] e o ensinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser cristão e não comer carne humana, nem ter mais de uma mulher e outras cousas” (p. 237).

O *Diálogo sobre a conversão do gentio* foi escrito entre os anos de 1556 e 1557, quando Nóbrega fala de dois jesuítas que não são padres: são os irmãos Gonçalo Alves e Nogueira, que representam a voz corrente entre os menos graduados da Companhia de Jesus. Nóbrega discute aspectos práticos, morais e religiosos da relação entre os colonizadores e os índios, defendendo a tese de que estes não devem ser escravizados, pois têm alma como os cristãos. Para o jesuíta, todos são iguais e, portanto, cabe evangelizar tanto os brancos como os índios e os negros: “Ó estultos e tardios de coração para crer, estou eu imaginando todas as almas dos homens uma, nos serem umas e todas de um metal feitas à imagem e semelhança de Deus por natureza a alma do Papa, como a alma do vosso escravo Papaná” (NÓBREGA, 1980, p. 242).

Em 1555, André Thevet embarcou com Villegaignon para o Brasil, na tentativa de estabelecer uma colônia francesa, batizada de França Antártica. A obra de Thevet, *Singularidades da França Antártica*, relata sua viagem desde a partida do porto do Havre, na França, até o retorno ao mesmo país no ano seguinte, em 1556. Dos 83 capítulos, a grande maioria refere-se ao Brasil, com observações geográficas, botânicas e antropológicas, narrando pormenorizadamente o roteiro de viagem, bem como a viagem de volta, passando pelo Canadá.

O jenipapo é uma árvore que os selvagens da América têm em grande estima por causa da fruta que ela dá e que também tem este mesmo nome. Apreciam-na não porque seja boa de comer, mas por causa de uma certa utilidade que possui. Na

cor e no tamanho assemelha-se ao nosso pêssego. De seu suco pode-se produzir um corante, que os selvagens usam às vezes para tingir seu corpo inteiro (THEVET, 1978, p. 109)

As comparações não param por aí e há a recorrência do termo maravilhoso, como descrito na primeira viagem de Colombo ao Novo Mundo: “E quando se penetra no interior, depara-se com uma extensa planície, coberta de árvores diferentes das nossas da Europa e cortadas por belos rios piscosos, de águas maravilhosamente límpidas” (THEVET, 1978, p. 91); “Não há dúvida de que se estes terrenos fossem cultivados produziriam maravilhosamente” (p. 98); “E não é possível encontrar-se um tom de amarelo mais maravilhoso do que este” (p. 153); “Não posso deixar de relatar um fato maravilhoso e digno de ser lembrado” (p. 96).

Thevet também utiliza a retórica da negatividade para descrever os índios:

Esta região era e ainda é habitada por estranhíssimos povos selvagens, sem fé, lei, religião, nem civilização alguma, vivendo antes como animais irracionais, assim como os fez a natureza, alimentando-se de raízes, andando sempre nus tanto os homens quanto as mulheres (THEVET, 1978, p. 98).

Pelo título *Singularidades*, podemos inferir a perspectiva a partir da qual o Novo Mundo vai sendo observado: de um olhar de fora para dentro, como fazem os turistas atualmente. É o caso de Thevet, que só permaneceu no Brasil dez semanas, de novembro de 1555 a janeiro de 1556.

A obra de Jean de Léry sobre o Brasil tem como título original *Narrativa de uma viagem feita à terra do Brasil, também dita América*, contando: a navegação e as coisas notáveis vistas no mar pelo autor; a conduta de Villegaignon no Brasil; os costumes e os modos de vida dos indígenas americanos; a descrição de muitos animais, plantas e outras situações desconhecidas na Europa. Foi escrita dezoito anos após a estada do autor no Brasil e publicada em 1578.

Sérgio Milliet explica por que o livro de Léry sobressai, entre tantos outros, e por que seu depoimento permanece vivo quinhentos anos mais tarde:

Léry revela em toda a sua obra uma qualidade notável, raríssima em seu tempo de paixões e preconceitos e só encontrável atualmente nos espíritos mais adiantados de nossa civilização ocidental: o senso da relatividade dos costumes, a ‘simpatia’; no sentido sociológico da palavra, que conduz à compreensão dos semelhantes e a análise objetiva de suas atitudes (*apud* LÉRY, 1980, p. 16).

É justamente a parte relativa aos indígenas que se destaca no texto de Léry, transformando-o num referencial dos estudos antropológicos brasileiros. Quanto à organização social dos selvagens do Brasil, destaca Léry:

Consistem os imóveis deste povo em choças e terras excelentes muito mais amplas do que as necessárias à sua subsistência. Em algumas aldeias moram, na mesma casa, de quinhentas a seiscentas pessoas e não raro mais; em verdade, cada família, composta de marido, mulher e filhos, ocupa lugar especial, embora as casas, que têm em geral mais de sessenta passos de comprimento, não possuem tabiques de separação que impeçam verem-se uns aos outros (1980, p. 230).

É relevante observarmos nas narrativas de viagens como os europeus encontram bons argumentos para explicar a cultura indígena: não é semelhante, nem é diferente, é uma outra cultura. As características encontradas nos índios consideradas boas são exaltadas e as ruins são suprimidas.

Em *Viagem à terra do Brasil*, Léry traz à tona as atrocidades cometidas pelos europeus, expondo as práticas indígenas e questionando os costumes de seus conterrâneos; em alguns momentos marca as semelhanças, em outros as diferenças entre os colonizadores e os colonizados. Assim Léry descreveu os índios:

Tanto os homens como as mulheres estavam tão nus como ao saírem do ventre materno mais para parecerem mais garridos tinham o corpo todo pintado e manchado de preto. Os homens usavam o cabelo cortado na frente à maneira de coroa de frade e comprido atrás, aparado em torno do pescoço como entre nós as pessoas que usam cabeleira. Ainda mais: todos tinham o lábio inferior furado ou fendido e cada qual trazia no beijo uma pedra verde e polida, como que engastada, do tamanho de uma moeda e podia ser tirada ou colocada, como bem entendiam (1980, p. 78).

Em *Viagem*, Léry não se contenta em fazer aproximações, seguindo o costumeiro vai e vêm entre América e Europa. Ele usa a analogia, defendendo a nudez das índias brasileiras:

[...] Os atavios, arrebiques, postiços, cabelos encrespados, golas de rendas, anquinhas, sobre-saias e outras bagatelas com que as mulheres de cá se enfeitam e de que jamais se fartam, são causas de males incomparavelmente maiores do que a nudez habitual das índias, as quais, entretanto, nada devem às outras quanto à formosura (1980, p. 121).

O que mais chama atenção de Jean de Léry em a *Viagem* é o ritual antropofágico. Ele considera o ritual muito longe da selvageria, sendo uma homenagem à coragem do

adversário abatido em combate. A coragem do inimigo era testada durante todo o tempo e esperava-se que demonstrasse orgulho para merecer morte tão importante.

Não abominemos portanto demasiado a crueldade dos selvagens antropófagos. Existem entre nós criaturas tão abomináveis, se não mais, e mais detestáveis do que aquelas que só investem contra nações inimigas de que têm vingança a tomar. Não é preciso ir à América, nem mesmo sair de nosso país, para ver coisas tão monstruosas (LÉRY, 1980, p. 204).

O autor deixa-se, por sua vez, canibalizar, a se considerar o número de termos em língua tupi que são inseridos no original em francês. Ele é um testemunho do hibridismo primordial da escritura do Novo Mundo. “[...] fazia-se necessário portanto dar um nome que eles conhecessem e como Léry em sua língua quer dizer ostra, disse chamar-me Léry-assú, isto é, ostra grande” (MILLIET *apud* LÉRY, 1980, p. 235), o que pode ser entendido como um sinal de que o processo de assimilação desde o início foi recíproco. A partir dessas primeiras trocas interculturais, algo de novo estava sendo produzido.

Léry defende os índios, justificando seus costumes: “Por mais bárbaros que sejam com seus inimigos esses selvagens me parecem de melhor índole que a maioria dos campônios da Europa. E com efeito discorrem melhor do que estes que, no entanto, se reputam inteligentes” (1980, p. 221).

Para a compreensão do desenvolvimento histórico da literatura brasileira no período colonial, tem-se como pré-requisito o conhecimento dos textos informativos escritos por portugueses e por estrangeiros entre 1500 e 1600. Seus textos servem mesmo como antecessores das obras de autores brasileiros dos séculos posteriores. Em meados do século XIX, os escritores do Romantismo, entre eles, Gonçalves Dias e José de Alencar, pesquisaram as origens do País nos textos quinhentistas, deles extraíndo a imagem do índio e utilizando-o como personagem-símbolo da nacionalidade brasileira.

N’outra perspectiva, os modernistas do primeiro momento também utilizaram os textos do século XVI para propor uma nova noção de nacionalidade, que questionava satiricamente os padrões europeus seguidos no Brasil. A *Carta de Pero Vaz de Caminha* foi ironizada em *Macunaíma* por Mário de Andrade. No *Manifesto Pau-Brasil*, Oswald de Andrade compôs vários poemas com frases extraídas de autores do século XVI, criando uma versão paródica do modo de narrar a história do Brasil. No *Manifesto Antropófago*, em 1927, o mesmo Oswald de Andrade propôs como ponto de partida que o Brasil devorasse a cultura estrangeira para transformá-la em uma cultura

brasileira renovada. Essa alegoria da antropofagia tem sua gênese em uma ancestralidade mais remota: os Tupinambás antropófagos, que devoravam seus inimigos corajosos para incorporar suas virtudes.

A luta entre o que se chamaria Incriado e a Criatura – ilustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabu. O amor cotidiano e o *modusvivendi* capitalista. Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e cristianizados, é contra ela que estamos agindo. Antropófagos (ANDRADE, 2008, p.1) <http://www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifantropof.html>

1.2 A narrativa de Cabeza de Vaca

Pouco se sabe de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, natural de Jerez de La Frontera, terceiro filho de Francisco de Vera e Tereza Cabeza de Vaca. O sobrenome mais nobre foi herança de Dona Teresa e concedido à família desta em 1212, quando Martin Allaja descobriu uma estreita passagem entre as escarpas rochosas da Serra Nevada e assinalou-a com o crânio de uma vaca. Por essa passagem cruzaram os exércitos de Castela, Aragão e Navarra, para vencer a importante batalha de Navas de Tolosa¹⁵.

A data de seu nascimento oscila entre 1490 e 1507. Seus pais, Teresa e Francisco, morreram antes de 1505 e os filhos foram criados por Beatriz de Figueroa, irmã de Teresa, sendo enviados para Sevilha em 1512. Álvaro Núñez alistou-se para participar da batalha de Ravena, a fim de ajudar o Papa Júlio II em sua luta contra os príncipes italianos e seus aliados franceses. Também teve uma participação posterior contra a revolta dos *comuneros* (1520-1522), que discutiam a autoridade de Carlos I, e também na campanha contra a França.

¹⁵ “Confronto militar que ocorreu em 1212 entre uma coligação de reis cristãos da Península Ibérica, reforçados pela participação de cruzados e de cavaleiros de diversos reinos europeus, e as tropas muçulmanas do império Almóada. A vitória cristã, uma das mais importantes da Reconquista pensinsular, deixou os domínios muçulmanos praticamente reduzidos ao território da atual Andaluzia” (ATLAS HISTÓRICO, 1992, p. 267).

Naufregios é um texto surpreendente de Cabeza de Vaca, que em sua primeira expedição à América, acompanhando Pánfilo de Narváez, pretendia explorar as terras da Flórida. A aventura, no entanto, foi um desastre, começando com um naufrágio na costa norte-americana. Dos seiscentos homens que saíram da Espanha, apenas quatro sobreviveram, entre eles Cabeza de Vaca, Andrés Dorantes, Alonzo de Castillo e o escravo mouro Estevan. O texto foi impresso pela primeira vez em Zamora no ano de 1542.

Ao contrário de Cristóvão Colombo, que impressionou seus contemporâneos com seu relato sobre o novo mundo e a nudez dos índios do Caribe, Cabeza de Vaca assombrou os leitores com sua narrativa feita de infortúnios, iniciada quando foi jogado a uma praia do Golfo do México completamente despido. Segundo seu relato, ele e seus companheiros conseguiram sobreviver e atravessar parte da América do Norte descalços e nus pelas terras desertas do que são hoje o Texas, o Novo México e o Arizona.

Em *Naufregios*, Cabeza de Vaca conta suas desventuras, o que contrasta com os relatos “maravilhosos” de outros cronistas da mesma época. Não há maravilhas, fortuna fácil ou feitos surpreendentes. A América era um grande continente. O chamado Novo Mundo era velho e já tinha donos; seus habitantes eram de origens e de culturas diferentes e que precisavam ser compreendidas.

Cabeza de Vaca nos conta os limites da resistência humana ao sofrimento, à miséria, à morte e à violência, o esforço sobrenatural para sobreviver. Ele e seus companheiros europeus foram forçados à conversão em escravos de índios tão miseráveis quanto eles. Foi o primeiro texto revelando que o Novo Mundo não era um paraíso, nem tão admirável. “*Con este concierto yo quedé allí, y me dieron por esclavo a un índio con quien Dorantes estaba, el cual era tuerto, y su mujer y un hijo que tenía y outro que estaba em su compañía; de manera que todos eran tuertos*”¹⁶ (CABEZA DE VACA, *Naufregios*, 1992, p. 63).

Depois da fracassada experiência de sua primeira expedição em 1527, o conquistador espanhol iniciou uma nova aventura. De volta à Espanha, pediu e conseguiu o cargo de Adelantado na América do Sul.

¹⁶ Com esse acordo eu fiquei ali e me deram como escravo a um índio com quem Dorantes estava, o qual era estrábico, e sua mulher e um filho que tinha e outro que estava em sua companhia; todos eram estrábicos (Tradução nossa).

Com esse acerto eu fiquei ali, sendo dado, como escravo a um índio com quem Dorantes estava e que era vesgo, assim como também o eram a mulher e os dois filhos (Tradução de Jurandir Soares, *Naufregios*, 1999, p. 63).

Comentários, publicado em 1554, é o primeiro livro espanhol sobre a conquista do Rio da Prata. Assinado por Pero Hernández, homem de confiança de Cabeza de Vaca e testemunha dos acontecimentos narrados, no livro estão os registros sobre os diversos povos indígenas da América Platina, seus hábitos, seus costumes, as impressões sobre a terra e suas riquezas naturais.

Por todo el camino que se anduvo después que entró en la provincia, en las poblaciones de ella es toda tierra muy alegre, de grandes campiñas, arboledas y muchas aguas de ríos y fuentes, arroyos y muy buenas aguas delgadas; y en efecto es toda tierra mui aparejada para labrar y criar (CABEZA DE VACA, 1992, p. 143).¹⁷

Cabeza de Vaca conseguiu fazer mais do que um relatório de viagem. Sua obra começa como simples informativo, adquirindo em alguns momentos porte de narrativa ficcional e finalizando em denúncia. Hábil narrador, ele conta também o comportamento dos europeus diante do Novo Mundo, sua cobiça, sua violência e as vicissitudes que sofreu diante da conspiração política que terminou por lhe tomar o cargo e fazê-lo prisioneiro.

Quince días después de que el gobernador llegase a la ciudad de la Ascensión, como los oficiales de Su Majestad le tenían odio por las causas que son dichas, que no les consentía, por ser, como eran, contra el servicio de Dios y de Su Majestad, así en haber despoblado el mejor y más principal puerto de la provincia, con pretensión de se alzar con la tierra, como al presente lo están, y viendo venir al gobernador tan a la muerte y a todos los cristianos que con él traía, día de Sant Marcos se juntaron y confederaron con otros amigos suyos, y conciertan de aquella noche prender al gobernador (CABEZA DE VACA, 1992, 259).¹⁸

¹⁷ Por todo o caminho que se andou, depois que entrou na província, nos povoados, viram toda a terra bem alegre, de grandes campinas, arvoredos e muitas águas de rios, fontes, arroios e águas doces muito boas e, com efeito, é toda a terra bem própria para lavar e criar (Tradução nossa).

Por todo caminho que se andou depois, viram-se muitas povoações, sendo terra muito alegre, de muitas campinas, muitas árvores, muitos rios e arroios de água muito cristalina, toda a terra muito própria para lavar e criar (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999, p. 132).

¹⁸ Quinze dias depois que o Governador chegou à cidade de Assunção, como os oficiais de Sua Majestade lhe tinham ódio pelos motivos ditos, que não consentiam por ser como eram contra o serviço de Deus e de Sua Majestade, assim em haver despovoado o melhor e principal porto da província, com a pretensão de apoderar-se da terra e vendo o governador e todos os cristãos que com ele voltava, estava à beira da morte, no dia de São Marcos se juntaram e confederaram com outros amigos e decidiram de aquela noite prender o governador (Tradução nossa).

Quinze dias depois da chegada, os oficiais de Sua Majestade que estavam revoltados com as proibições que lhes foram impostas, bem como pelo fato de ter sido despovoado o melhor e principal porto da província, organizaram um movimento para prender o governador. Vendo que o governador e a gente que levava chegara mais perto da morte do que da vida, resolveram aproveitar suas fraquezas físicas para se confederar. No dia de São Marcos se reuniram e decidiram que naquela noite iriam prender o governador (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999, p. 228).

Cabeza de Vaca conseguiu o cargo de Governador do Rio da Prata na condição de que seu antecessor, Juan de Ayolas, estivesse morto, pois na Espanha não se tinha notícia dele há muito tempo. Ao chegar ao atual estado brasileiro de Santa Catarina, iniciou seu trabalho como possuidor daquelas terras; encontrou náufragos sobreviventes de expedições anteriores; e obteve informações preocupantes: soube que parte dos espanhóis tinha tomado a direção do Rio Paraguai e fundado uma nova cidade, Assunção, que poderia ser alcançada por terra pelo caminho do Peabiru¹⁹, antiga trilha utilizada pelos índios.

Da ilha de Santa Catarina, Cabeza de Vaca enviou seus barcos para uma inspeção em Buenos Aires e dirigiu-se ele próprio, por terra, a Assunção. Ele subiu a porção espanhola Serra do Mar, alcançou o primeiro planalto, desviando primeiro para o norte, só descendo ao sul na altura dos Rios Ivaí e Piquiri, atualmente no Estado do Paraná. Assim chegou ao Rio Iguaçu, que acompanhou até a sua foz, onde descobriu as cataratas do Iguaçu.

No mapa abaixo, podemos observar como foi feito o percurso de Cabeza de Vaca, desde a chegada no Porto de Cananéia, no litoral sul de São Paulo, depois à ilha de Santa Catarina, Assunção e Corumbá.

¹⁹O caminho do Peabiru era “[...] uma trilha que os jesuítas do Brasil e do Paraguai denominariam de caminho de São Tomé. A trilha com oito palmos de largura partia de Cananéia, mais podia ser atingida tanto a partir de São Vicente quanto do norte de Santa Catarina, seguindo depois por mais de duzentas léguas até o Peru” (BUENO, 1999, p.19).

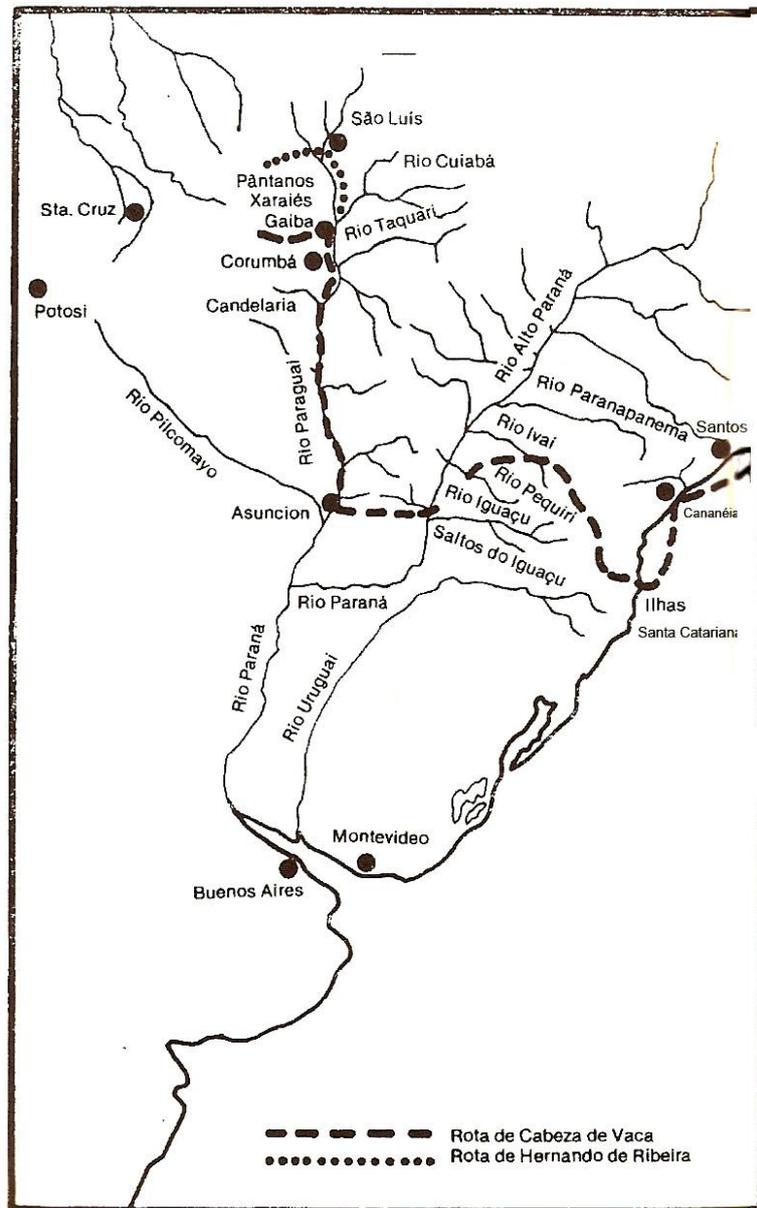


Figura 1 – Itinerário de Cabeza de Vaca

Fonte: CABEZA DE VACA, *Comentários*, 1999, p. 120.

Depois de quatro meses, Cabeza de Vaca chegou a Assunção, onde encontrou Martinez de Irala, lugar-tenente de Ayolas, ocupando seu posto. Sua posse não foi tranquila. Irala relutou em ceder o poder ao recém chegado e mostrou-se incomodado com as críticas de Cabeza de Vaca pelo despovoamento de Buenos Aires, lugar que considerava estratégico. Mais difícil ficou a situação do novo governador quando decidiu impor novas regras à vida da colônia.

Luego, desde a pocos días que fue llegado a la ciudad de la Ascensión el gobernador, visto que había en ella muchos pobres necesitados, los proveyó de ropas, camisas, calzones y otras cosas, con que fueron remediados, y proveyó a muchos de armas, que no las tenían; todo a su costa, sin interés alguno; y rogó a los oficiales de Su Majestade que no les hiciesen los agravios y vejaciones que hasta allí les habían hecho y hacían, de que se querellarían de ellos gravemente todos los conquistadores y pobladores, así sobre la cobranza de deudas debidas a Su Majestad, como derechos de una nueva imposición que inventaron y pusieron, de pescado y manteca, de la miel, maíz y otros mantenimientos, y pellejos de que se vestían, y que habían y compraban de los indios naturales; sobre lo cual los oficiales hicieron al gobernador muchos requerimientos para proceder en la cobranza, el gobernador no se lo consentió; de donde le cobraron grande odio y enemistad, y por vías indirectas intentaron de hacerle todo el mal y daño que pudiesen, movidos con mal celo; de que resultó prenderlos y tenerlos presos por virtud de las informaciones que contra ellos se tomaron (CABEZA DE VACA, 1992, p. 167-168).²⁰

Uma das primeiras decisões tomadas pelo Adelantado Álvar Núñez Cabeza de Vaca foi a de destituir todos os espanhóis que, sob o comando de Irala, governavam a localidade, a fim de nomear homens de sua confiança, a começar por seu primo, Pedro Estopiñan Cabeza de Vaca, nomeado alcaide. Irala, além do poder, teve de lhe entregar os bens que pertenciam aos falecidos Pedro de Mendoza e Juan de Ayolas.

Álvar Núñez tomou muitas medidas, tentando preservar o modo de vida dos indígenas no seu contato junto aos espanhóis. Ele ganhou o respeito de muitos índios, porém, ao mesmo tempo, ampliou as inimizades com os conquistadores vindos antes dele. Eis algumas de suas decisões: todo e qualquer acampamento espanhol deveria ficar situado longe das aldeias indígenas; ficava proibido que os espanhóis fizessem tratos com os indígenas; havia o impedimento de visitas dos espanhóis às casas dos

²⁰ Logo, poucos dias depois de chegar à cidade de Assunção, visto que havia muitos pobres e necessitados, o governador os proveu de roupas, camisas, calças e outras coisas mais, com que foram remediados, e proveu muitos de armas, que não tinham, tudo às suas custas, sem interesse algum. Rogou aos oficiais de Sua Majestade que não lhes fizessem os agravos, nem os vexames que até ali lhes haviam feito e faziam, queixando-se aquela gente de todos os conquistadores e povoadores sobre a cobrança de dívidas para com Sua Majestade, como direitos de uma nova imposição que inventaram e impuseram, de pescado, manteiga, mel, milho e peles de que se vestiam e compravam dos índios nativos. Sobre isso, os oficiais fizeram ao governador muitos requerimentos para proceder à cobrança e ele não a consentiu, donde restou grande ódio e inimizade e por vías indirectas tentaram fazer-lhe todo mal e dano que pudessem, movidos com mau zelo. Disso resultou o governador prendê-los, em virtude das informações que tinha contra eles (Tradução nossa).

Logo que chegou a Ascensión, o governador ouviu dos povoadores que ali havia muitas críticas contra os oficiais de Sua Majestade, que os maltratavam, faziam-nos passar vexames e lhes impunham altas taxações, que eles mesmos inventaram e que correspondiam a pagamento em pescado, manteiga, mel, milho e outros mantimentos, além das peles com que se vestiam. Essas imposições fizeram com que aqueles colonizadores fossem levados a um extremo estado de pobreza, constatado pelo governador em sua chegada. Tanto que tratou logo de dar-lhes roupas, remédios, armas e outras coisas mais de que necessitavam, sem lhes cobrar coisa alguma. Determinou também o fim da cobrança daqueles impostos, o que provocou grande ódio naqueles oficiais, que, por vías indirectas, tentaram fazer-lhe todo o mal e dano que pudessem. Diante disso, o governador não teve outra alternativa senão mandar prendê-los (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999, p. 147-148).

índios, para que estes não alterassem seus costumes, ou se escandalizassem; e houve o estabelecimento de severos castigos para os espanhóis que tentassem coagir ou prejudicar os índios.

Y habiendo pacificado a los naturales, dándoles de sus rescates y otras cosas, mandó aposentar a los españoles en la ribera de la laguna, y junto con ella a los indios guaraníes, a todos los cuales dijo y apercibió que no hiciesen daño ni fuerza ni outro mal ninguno a los indios naturales de aquel puerto, pues eran amigos y vasallos de Su Majestad, y les mandó y defendió no fuesen a sus pueblos y casas, porque la cosa que los indios más sienten y aborrecen, y por que se alteran, es por ver que los indios y cristianos van a sus casas, y les revuelven y toman las cosillas que tienen en ellas; y que si tratasen y rescatasen con ellos, les pagasen lo que trajesen y tomasen de sus rescates; y si outra cosa hiciesen, serían castigados.

[...] y para dar más color a lo que hacía, publicó una instrucción de Su Majestad, en que manda 'que ninguno sea osado de sacar a ningún indio de su tierra, so graves penas' (CABEZA DE VACA, 1992, p. 222 e 258, respectivamente).²¹

Contrariando os hábitos e as expectativas locais dos espanhóis, Cabeza de Vaca determinou o fim das hostilidades e dos confrontos com os índios. Proibiu também a escravidão e o comércio dos índios. Além disso, condenou o aprisionamento de índias jovens e que serviam em verdadeiros haréns aos espanhóis. Ele fez valer sua autoridade e seus privilégios de Adelantado.

Quando imaginou que mantinha sua autoridade sobre Assunção, Cabeza de Vaca deixou-se levar pela aventura e pela cobiça. Organizou uma expedição e saiu para o norte, seguindo as pegadas de Ayolas, buscando um caminho para um império que, em seu imaginário, seria mais rico do que o México.

A esta sazón ya todas las cosas necesarias para seguir la entrada y descubrimiento estaban aparejadas y puestas a punto, los diez bergantines cargados de bastimentos y otras municiones; por lo cual el gobernador mandó

²¹ E havendo pacificado os nativos, dando-lhes seus resgates e outras coisas, mandou assentar os espanhóis e os índios guaranis na margem da lagoa. Ele [Cabeza de Vaca] disse e advertiu a todos os espanhóis que não fizessem dano, nem usassem a força, nem outro mal algum contra os índios naturais daquele porto, pois eram amigos e vassallos de Sua Majestade. Ele os mandou defender [os índios] daqueles que não fossem do seu povoado e casas, porque a coisa que os índios mais sentem, se aborrecem e se alteram é ver que outros índios e cristãos vão a suas casas, reviram e tomam as coisas que têm. Também lhe disse que fizessem negócios com os índios, os pagassem e se fizessem outras coisas seriam castigados.

[...] E para dar mais importância ao que fazia, publicou uma instrução de Sua Majestade estabelecendo 'que ninguém seja ousado de tirar nenhum índio de suas terras, sob graves penas' (Tradução nossa). Depois de ter pacificado os nativos, mandou assentar os espanhóis e os índios guaranis na margem de uma lagoa, recomendando-lhes que não fizessem nenhum dano aos índios dali. Recomendou-lhes também para que não fossem às suas casas daqueles índios, porque isso era uma das coisas que mais os aborrecia, e que se fizessem negócios com eles, os pagassem convenientemente para evitar atritos.

[...] E para maior importância ao ato que praticava, mandou publicar uma instrução de Sua Majestade em que estabelecia que 'ninguém ouse tirar um índio de suas terras, sob graves penas' (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999. p. 197 e 227, respectivamente).

señalar y escoger cuatrocientos hombres arcabuceros y ballesteros, para que fuesen en el viaje, y la mitad de ellos se embarcaron en los bergantines, y los otros, con doce de a caballo, fueron por tierra cerca del río, hasta que fuesen en el puerto que dicen de Guaviaño, yendo siempre la gente por los pueblos y lugares de los indios guaraníes, nuestros amigos, porque por allí era mejor (CABEZA DE VACA, 1992, p. 205-206).²²

Depois de meses caminhando pelo Chaco, Cabeza de Vaca chegou às nascentes do Rio Paraguai, no atual estado de Mato Grosso. Os espanhóis passaram ali muito mal e muitos acharam que iriam morrer quando as águas baixaram e uma enorme quantidade de peixes ficou presa nas partes secas. Isso teria acontecido entre março e abril e aquela terra teria ficado com muito mau cheiro. Além disso, não se podia seguir sem ser vitimado pela malária ou pelos ataques dos índios.

[...] cuando las aguas vienen bajando, la gran cantidad de pescado que deja el agua por la tierra en seco; y cuando esto acaece, que es en fin de marzo y abril, todo este tiempo hiede aquella tierra muy mal, por estar la tierra emponzoñada. En este tiempo todos de la tierra, y nosotros con ellos, estuvimos malos que pensamos morir (CABEZA DE VACA, 1992, p. 219).²³

A expedição voltou a Assunção, onde esperava por Cabeza de Vaca outra desgraça: uma conspiração encabeçada por Martinez de Irala, que o pôs na prisão.

Álvar Núñez ficou na prisão em Assunção por um ano. Em março de 1545, o retiraram do calabouço, para embarcá-lo numa caravela de volta à Espanha, com 36 acusações de delitos graves contra os interesses da Espanha. *”Y como pasó esto Le levaron con toda prisa a embarcar al bergantín; y así lo cerraron con tablas la ropa de*

²² Para essa ocasião já estavam preparadas todas as coisas necessárias para seguir a entrada [viagem] e o descobrimento: os dez bergantins carregados de mantimentos e outras munições, para o que o governador mandou indicar e escolher quatrocentos homens arcabuzeiros e balisteiros para que fossem na viagem. A metade deles embarcou nos bergantins e os outros, dos quais doze foram a cavalo, por terra, perto do rio até o porto de Guaviaño, caminhando pelos povoados e lugares dos índios guaranis, nossos amigos, porque por ali era melhor (Tradução nossa).

Estando os dez bergantins devidamente carregados de abastecimentos e armas, o governador mandou que fossem escolhidos quatrocentos arcabuzeiros e balisteiros, determinando que metade fosse nas embarcações e a outra metade fosse por terra, juntamente com mais doze a cavalo, devendo todos se encontrar no porto de Guaviaño (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999. p.180).

²³ Quando as águas vêm baixando, deixam uma grande quantidade de peixes pela terra seca, e quando isso acontece, é fim de março e abril e, por todo esse tempo, a terra cheira muito mal, por estar infectada. Durante esse tempo, todos nós e os da terra estivemos tão mal que pensamos que íamos morrer (Tradução nossa).

Quando as águas estão baixando é impressionante de se ver a enorme quantidade de peixes que vão ficando presos na parte seca. Quando isso acontece, que é por volta de março e abril, toda aquela terra fica cheirando muito mal. Os espanhóis passaram muito mal durante este tempo, com muitos achando que iam morrer, principalmente porque neste período é verão, tornando-se ainda mais insuportável (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999. p.193).

él; y estando allí le echaron dos candados que no le dejaban lugar para rodearse, y así se hicieron al largo el río abajo” (CABEZA DE VACA, 1992, p. 274).²⁴

No início de 1546, Cabeça de Vaca redigiu uma *Relación General de sus hechos, como apologia de su conducta e censura de sus enemigos*, na qual expunha seus pontos de vista com relação aos assuntos mais polêmicos que envolveram sua administração como Adelantado: o tratamento que deveria ser dispensado aos aliados, os índios Guarani; o projeto para abolir a escravidão indígena e pacificar as tribos vizinhas a Assunção; o repovoamento de Buenos Aires; e a exploração da Serra do Prata. O relatório parece não ter sido suficientemente convincente: no dia 18 de março de 1551, o Conselho das Índias condenou Cabeza de Vaca à privação de seu ofício e ao desterro em Oran, na África.

Contudo, a sentença não se cumpriu inteiramente. É pouco provável que Cabeza de Vaca tenha ido para seu desterro na África. Das notas ditadas ao seu secretário Pero Hernández, consta que ficou preso oito anos na Corte e então o libertaram, sem qualquer indenização pelos gastos que fez e sem o direito de voltar à América, pois alertavam os adversários que sua presença e tentativa de vingança poderiam gerar “escândalos e alterações” (cf. CABEZA DE VACA, 1992, p. 279).

Também nos *Comentários* de Cabeza de Vaca, os índios Guarani fazem um ritual antropofágico de maneira semelhante ao assistido por Hans Staden²⁵, aventureiro alemão que foi durante alguns anos prisioneiro dos Tupiniquins, em Ubatuba, São Paulo.

Esta generación de los garaníes es una gente que se entiende por su lenguaje con todos los de las otras generaciones de la província, y comen carne humana de las otras generaciones que tienen por enemigas, cuando tienen guerra unos con otros; siendo de esta generación, si los cautivan en las guerras tráenlos a sus pueblos, y com ellos hacen grandes placeres y recocijos, bailando y cantando; lo cual dura hasta que el cautivo está gordo; [...] y luego las viejas lo despedazan y cuecen em sus ollas y reparten entre si, y lo comen, y tiénenlo por cosa muy buena comer de él, y de allí adelante tornan a sus bailes y placeres,

²⁴ E como isto aconteceu, levaram-no com toda pressa para embarcar no bergantin e fecharam-no com tábuas e, estando ali, puseram-lhe dois cadeados que não deixavam lugar para ele se mover, e assim partiram rio abaixo (Tradução nossa).

[...] Em função disso, levaram-no a toda pressa para o bergantim, colocando-o dentro e fechando a popa com tábuas. Colocaram-lhe mais dois cadeados, de modo que não podia mover-se. E assim partiram rio abaixo (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999, p. 242).

²⁵ [...] Então desfecha-lhe o matador um golpe na nuca, os miolos saltam e logo as mulheres tomam o corpo, puxando-o para o fogo; esfolham-no até ficar bem alvo e lhe enfiam um pãozinho por de traz, para que nada lhe escape. [...] Vêm então as mulheres; pegam nos quatro pedaços e correm ao redor as cabanas, fazendo um grande vozerio. Depois abrem-lhe as costas, que separam do lado da frente, e repartem entre si [...] (STADEN, 1988, p. 189-190).

los cuales duran por otros muchos días (CABEZA DE VACA, 1992, p. 162-163).²⁶

Uma característica dos textos descritivos de Cabeza de Vaca é o uso recorrente da figura retórica da comparação, também utilizada nos textos fundadores dos demais cronistas em visita ao Brasil e à América Latina, a partir do que é possível visualizar a comparação com a Europa como parâmetro estabelecido, ainda que fosse para exaltar a superioridade da América (e isso no caso de Cabeza de Vaca):

[...] había una montería de unos puercos que andan continuo en el agua, mayores que los de España; estos tienen el hocico romo y mayor que estos otros de acá de España

Iba toda la gente en este viaje tan gorda y recia que parecia que salían entonces de España.

[...] la cañafístola es de casi palmo y medio, y es tan gruesa como tres dedos. La gente comía mucho de ella, y de dentro es muy melosa; no hay diferencia nada a la que se trae de las otras partes de España

Por donde fue navegando hay muchas frutas salvajes que los españoles e indios comían, entre las cuales hay una como un limón ceutí muy pequeño así en el color como en la cáscara; en el agrio no difieren al limón ceutí de España (CABEZA DE VACA, 1992, p. 211-212-215).²⁷

²⁶ Essa tribo dos guaranis é uma gente que se entende, por uma língua com todas as outras tribos da província e comem carne humana das outras tribos que têm por inimigas quando estão em guerra uns com outros. Quando os guaranis prendem um inimigo na guerra, trazem-no para seu povoado e fazem com ele grandes festas e regozijos, dançando e cantando, o que dura até que ele esteja gordo... Em seguida, as velhas o despedaçam e cozinham em suas panelas, repartem-no entre si e o comem, sendo considerada coisa muito boa de comer e voltam às suas danças e prazeres, os quais duram muitos outros dias (Tradução nossa).

Essa nação dos guaranis fala uma linguagem que é entendida por todas as outras castas da província e comem carne humana de todas as outras nações que têm por inimigas. Quando capturam um inimigo na guerra, trazem-no para seu povoado e fazem com ele grandes festas e regozijos, dançando e cantando, o que dura até que ele esteja gordo... Em seguida, as velhas pegam o corpo tombado, começam a despedaçá-lo e a cozinhá-lo em suas panelas. Depois repartem entre si, sendo considerado algo muito bom de comer, e voltam às suas danças e cantos por mais alguns dias, como forma de regozijo (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999, p. 144-145).

²⁷ Havia a caçada de uns porcos que andam constantemente na água, maiores que os da Espanha. Esses porcos têm o focinho arredondado e maior que os daqui da Espanha.

Nessa viagem, todas as pessoas iam tão gordas e robustas que parecia que tinham saído então da Espanha. A canafístula é de quase palmo e meio e é tão grossa como três dedos. Aquela gente comia muito dela. Por dentro é muito doce, não há nenhuma diferença das que se trazem de outras regiões da Espanha.

Por onde fui navegando havia muitas frutas silvestres que os espanhóis e índios comiam, entre as quais um limão ceutense bem menor, que na cor, casca e acidez não é diferente do limão ceutense da Espanha (Tradução nossa).

Essas sobras eram comidas por uns porcos que andavam freqüentemente pela água e que eram maiores do que os porcos que há na Espanha. Esses porcos têm o focinho rombudo, andando de noite pela terra e de dia pela água e são uma opção de caça para os índios [...] Na ocasião nem era necessário caçá-los, pois a gente ia tão gorda e bem-alimentada que parecia que estava na Espanha.

Pela margem havia muitas árvores de canafístula, muito parecida com a existente na Espanha, sendo apenas um pouco mais grossa e de gosto mais áspero.

Também comiam muitas frutas selvagens que havia ao longo do rio. Havia também um limão ceutense que, na cor e no gosto, não difere em nada do existente na Espanha, sendo apenas bem menor (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999, p. 185 e 189, respectivamente).

Uma especificidade dos relatos de viagens é a ordem cronológica. No itinerário percorrido o narrador vê-se obrigado a adotar uma sequência temporal. Não se trata de uma rigorosa dependência do tempo. Trata-se de fazer uso de um instrumento que tem por objetivo contextualizar, num quadro temporal, os caminhos percorridos e que funciona como elemento legitimador da verossimilhança da história da viagem. Cabeza de Vaca também usa esse recurso.

A los siete días del mes de diciembre llegaron a un río que los indios llamaban Tacuari. Este es un río que lleva buena cantidad de agua y tiene buena corriente; en la ribera del cual hallaron un pueblo de indios que su principal se llamaba Abangobi [...] (1992, p. 142).²⁸

Constituída por duas naus, duas caravelas, quatrocentos homens e os vinte e seis cavalos que conseguiram sobreviver ao mar, chegaram à ilha de Santa Catarina aos vinte e nove dias do mês de março de 1541. Até esse momento o narrador vai dando informações que se limitam a assinalar a navegação feita: rumos, condições do tempo, léguas percorridas, etc.

O relato de Cabeza de Vaca obedece a um esquema, como em qualquer outra narrativa de viagem, relativo às categorias de tempo e de sujeito. É o tempo o elemento que divide o que se narra: num primeiro nível, a divisão por dias procura sugerir a dinâmica da viagem e uma adesão ao tempo da narração: “*A primer día del mes de enero del año del Señor de 1542, que el gobernador y su gente partió de los pueblos de los indios*” (CABEZA DE VACA, 1992, p. 146).²⁹ O segundo nível é determinado por expressões temporais que dividem a jornada e que conferem ao discurso seu caráter de autenticidade: “*Y de esta forma y manera fueron caminando hasta el mediodía, que fueron a reposar debajo de unas grandes arboledas; habiendo allí comido y reposado toda la gente e indios, tornaron a caminar*”(1992, p. 175).³⁰

²⁸ Aos sete dias do mês de dezembro chegaram a um rio que os índios chamavam Taquari. Este é um rio que tem boa quantidade de água e uma boa correnteza, em cuja ribeira encontraram um povoado de índios cujo líder chamava-se Abangobi [...] (Tradução nossa).

Aos sete dias do mês de dezembro chegaram a um rio que os índios chamaram Taquari, com boa quantidade de água e uma boa correnteza, e em cuja ribeira está assentado um povoado de índios cujo principal se chama Abangobi (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999, p. 131-132).

²⁹ No primeiro dia do mês de janeiro do ano do Senhor de 1542 foi que o governador partiu com sua gente do povoado dos índios (Tradução nossa).

No dia 1º de janeiro do ano do Senhor de 1542, que o governador partiu com sua gente do povoado dos índios (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999, p.134).

³⁰ E dessa forma e maneira foram caminhando até o meio-dia e foram descansar debaixo de uns grandes arvoredos; depois de terem comido e descansado, toda aquela gente e índios continuaram a caminhar (Tradução nossa).

O terceiro nível dessa evolução temporal é ainda mais preciso e é dado pela minuciosa indicação das horas. Essa informação é um testemunho do ponto de vista da navegação, mas também histórico e geográfico.

Y de esta manera caminando (según dicho es), fue Nuestro Señor servido que a once días del mes de marzo, sábado, a las nueve de la mañana, del año de 1542, llegaron a la ciudad de la Ascensión, donde hallaron residiendo a los españoles que iban a socorrer, la cual está asentada en la ribera del río Paraguay, en 25 grados de la banda del Sur (CABEZA DE VACA, 1992, p. 156).³¹

Por outro lado, os tempos verbais escolhidos, principalmente o pretérito perfeito e o presente do indicativo, dão conta, na narração, do que é visto e observado pelo narrador, assim como a presença de dêiticos como “este” e “deste”. Os advérbios de tempo e de lugar (aqui, ali, agora, antes, então, ontem, amanhã) funcionam de maneiras especiais. Esse aspecto é particularmente importante, na medida em que na narrativa de viagem está em cena o estatuto multifacetado do narrador, acentuando a sua condição simultânea de produtor e de objeto do discurso. Essas relações e formas são transmitidas por um discurso que insere a sua subjetividade na objetividade do real, do histórico, do social e do político. “[...] *yendo caminando por la tierra y provincia, llegaron a un río que se llama Iguazú, y antes de llegar al río anduvieron ocho jornadas de tierra despoblada, sin hallar ningún lugar poblado de indios*” (CABEZA DE VACA, 1992, p. 151).³² *Antes* não se refere ao momento anterior ao que o autor está escrevendo, mas ao momento ficcional da ação.

Assim formados, caminharam até o meio dia, quando pararam para repousar debaixo de algumas árvores. Após o almoço e o descanso, continuaram [...] (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999, p.153).

³¹ Caminhando dessa maneira (segundo é dito), foi Nosso Senhor servido que aos onze dias do mês de março, sábado às nove horas da manhã do ano de 1542, chegaram à cidade de Assunção, assentada na ribeira do rio Paraguai, onde encontraram residindo os espanhóis que iam socorrer, a 25 graus da banda Sul [...] (Tradução nossa).

Caminhando dessa maneira (segundo é dito) foi Nosso Senhor servido de que às nove horas da manhã de um sábado, aos onze dias do mês de março do ano de 1542, o governador e sua gente chegassem à cidade de Ascensión que está assentada na ribeira do rio Paraguai, a vinte e cinco graus da banda sul. (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999, p.140-141).

³² Caminhando pela terra e província, chegaram a um rio que se chama Iguazu e, antes de chegar ao rio, andaram oito jornadas de terras despovoadas sem encontrar nenhum lugar povoado de índios (Tradução nossa).

Depois de andarem oito jornadas por terras despovoadas, chegaram novamente ao rio Iguazu, agora à altura de vinte e cinco graus e meio e onde não havia povoado algum. (Tradução de Jurandir Soares, *Comentários*, 1999, p.137).

Hoje vivemos o fim dos relatos de viajantes como aqueles concebidos por Cabeza de Vaca³³. Perdemos a capacidade de ouvir e fazer a narração de nossas viagens como ele e seus contemporâneos o faziam. Questões como essa já incomodavam Walter Benjamin quando nos anos 1930 escreveu o ensaio O narrador. Em seu texto Benjamin identifica três tipos de narrador: o primeiro é o anônimo, narrador oral cuja fonte é a própria experiência ou aquela que lhe foi relatada pelos outros, possuindo um saber que vem de longe, de terras estranhas, seja do passado ou da tradição. Sua narrativa é uma forma artesanal de comunicação que traz a marca do narrador como a mão de um oleiro na argila do vaso (cf. BENJAMIN, 1986, p. 205). Ele é um homem que sabe dar conselhos. Mas se dar conselhos parece hoje antiquado, diz Benjamin, é porque a sabedoria, o lado épico da verdade está em extinção. Para Benjamin, o narrador da tradição oral, o único, o verdadeiro, não está mais presente entre nós, porque hoje as ações da experiência estão em baixa e estamos privados da faculdade de intercambiar experiências.

No início do período moderno, o surgimento do romance foi o primeiro indício da evolução que acaba com a fase áurea da narrativa defendida por Benjamin em seu ensaio, porque o romance tem uma natureza fundamentalmente diferente da tradição oral. O narrador do romance é um indivíduo isolado, que já não pode falar de maneira exemplar sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe, nem sabe dar conselhos. A matéria narrativa do narrador do romance provém não do saber proporcionado pela distância espacial ou temporal, um saber transmitido de pessoa a pessoa, mas advindo da introspecção.

Com a consolidação da classe burguesa na era moderna, destacou-se outra forma de comunicação tão estranha à narrativa postulada por Benjamin quanto o romance: a informação. O saber do narrador antigo, que ia e vinha de longe, dispunha de autoridade válida, ainda que ela não fosse controlável pela experiência empírica. A informação na era moderna, pelo contrário, requer uma verificação imediata. Ela somente tem valor no momento em que ela é nova, enquanto a narrativa é capaz de continuar suscitando pensamentos muito tempo depois. Por isso, a informação é incompatível com o espírito dos relatos de viagem como os que enumeramos anteriormente.

Se a pobreza da experiência diagnosticada por Benjamin foi consequência da Primeira Guerra Mundial, de cujos campos de batalha as pessoas voltavam emudecidas,

³³ As viagens, hoje, podem ser narradas em tempo real, graças aos artifícios tecnológicos, como a Internet.

atualmente a destruição da experiência não precisa de nenhuma guerra. Para isso basta a rotina de qualquer grande cidade. As pessoas retornam à noite para casa extenuadas por uma quantidade de acontecimentos, sem que nenhum deles tenha se tornado uma experiência.

O narrador de *Comentários* parece se encaixar no tipo tradicional, aquele que transmite uma experiência. Assim como o narrador tradicional descrito por Benjamin, o narrador do relato ora em estudo transmite, com base em sua experiência, sabedoria e informação. O objetivo do relato de Cabeza de Vaca não é narrar a vida do sujeito enunciativo, e sim narrar a última experiência significativa que ocorreu entre os índios que habitavam na região do Rio da Prata.

Ocupar esse lugar, o lugar do narrador-testemunha, implica narrar sua própria experiência, uma experiência que consiste precisamente em manter a paz entre os índios. Os índios esperavam dele que os representasse, que ele se desse a si próprio como substituto dos indígenas perante os brancos.

Cabeza de Vaca respeitou e defendeu os índios, ainda que movido pela cobiça no cargo de Adelantado e na busca de um Eldorado superior àquele descoberto no México. Talvez por ter vivido muito tempo entre os indígenas e ter conhecido a experiência do naufrágio em terras norte-americanas, também entre indígenas, escreveu o (re)conhecimento da alteridade desses povos. Seu relato nos dá, ainda hoje, uma visão possível da aceitação do Outro e das diferenças.

Por tudo isso, o estudo das relações entre as narrativas de viagens e os Estudos da Tradução é de fundamental importância, haja vista o fato de essas narrativas darem sentidos à história por via do discurso, resultado das descobertas e das observações dos viajantes que estiveram tanto na América Latina quanto no Brasil do século XVI. E esse é o discurso que marca a fundação da América Latina para aqueles que ouvem e lêem os relatos de viagens.

CAPÍTULO 2

OS ESTUDOS DE TRADUÇÃO E AS NARRATIVAS DE VIAGEM

Os descobrimentos e a colonização revelaram ao mundo europeu a diversidade de habitantes, bem como a flora e a fauna de outros lugares. A grande extensão da costa brasileira, já destacada por Pero Vaz de Caminha e pelos primeiros exploradores, a exuberância das paisagens e dos produtos naturais e o encontro de uma cultura desconhecida permeiam os primeiros escritos sobre a terra de Santa Cruz, revelando o êxtase do europeu diante do que se tinha como o desconhecido.

Desde a chegada da frota de Cabral às terras brasileiras, vários textos foram escritos por europeus que aqui estiveram, relatando suas impressões sobre a terra e seus habitantes. São registros preciosos das origens do País. Esses textos oferecem ao leitor de hoje a oportunidade de conhecer a invenção do Brasil na palavra de quem viveu e forjou os acontecimentos.

O século XVI é o momento inicial da construção da colonização do Brasil pelos portugueses. Foi marcado por um processo histórico que começou pelo confronto com os índios, pela posse de terra com espanhóis e franceses e pelo direito de explorá-la comercialmente. Esse momento de construção da colonização é também o momento da construção de uma memória nacional e do conhecimento sobre a terra *brasilis*.

Isso nos leva ao tema da memória nacional, da nação e do pós-nacionalismo, e ao tema dos lugares da enunciação das políticas da memória. E, talvez, mais ainda, nos levaria a discutir o lugar a partir de onde se formula o conhecimento. Um lugar de onde os diferentes sujeitos batalham ou negociam não só a memória, mas, também, o conhecimento; ou seja, o planejamento das políticas da memória, que estão indissoluvelmente ligadas às do conhecimento [...] (ACHUGAR, 2006, p. 224).

A linguagem dos textos daquela época em geral não apresentava metáforas, nem outros artifícios estéticos, dada sua finalidade especialmente informativa. Na obra *Comentários*, de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, a aventura e a fantasia misturam-se com as informações sobre a terra e os acontecimentos históricos, gerando narrativas com as quais o leitor não consegue deixar de envolver-se.

Muito embora os textos do século XVI sejam considerados como realidade histórica, apresentam uma relação com um passado e com um espaço distante. Percebem-se duas vertentes em todos os textos: uma em que a memória é fonte de quase

toda informação; outra alicerçada em uma cultura clássica, européia, subordinada a códigos de escrita e condicionadas por fontes orais e escritas, em que o trabalho de interpretação alia-se ao de informação. Essas narrativas configuram-se, de um lado, como momento de reintegração no próprio espaço cultural e, de outro, como momento de reinterpretção da própria cultura. Cabeza de Vaca, chegando em terras que hoje são o estado do Paraná, tomou posse e batizou-as em nome do Rei Carlos I, de Espanha, como província de Vera: [...] *el gobernador tomó la posesión, como tierra nuevamente descubierta, y la intituló y puso por nombre la provincia de Vera, como aparece en los autos de la posesión, que pasaron por ante Juan de Araoz, escribano de su Majestad [...] (CABEZA DE VACA, 1992, p. 140).*³⁴

Durante a década de 1990 e neste início de século XXI, tem-se verificado uma crescente preocupação com a busca de técnicas e de instrumentos de coletas de dados que propiciem conhecer e dar sentido a universos sociais e culturais percebidos como diferentes. Porém, é necessário reconhecer que essa preocupação não é recente; ela faz parte da própria história de constituição das Ciências Sociais, particularmente da Antropologia.

As origens da Antropologia remetem às narrações de terras distantes escritas por viajantes europeus dos séculos XVI a XVIII. Até o século XIX, Etnografia e Antropologia eram atividades diferentes: a Etnografia coletava os dados e a Antropologia os analisava e elaborava as hipóteses. Os exploradores, os missionários, os administradores e os comerciantes proporcionavam as fontes etnográficas, pois tinham mais contatos com os nativos e mais habilidades linguísticas que os antropólogos, enquanto o laboratório destes últimos era a biblioteca, onde construíam suas teorias a partir dos dados coletados pelos cronistas-viajantes.

No último quarto de século, a Antropologia viu-se forçada a renunciar seus limites e tomou dois caminhos: ou se dobrou sobre si mesma, na reflexão filosófica de seu papel dos povos sem história, ou se transformou numa Antropologia do mundo contemporâneo (Cf. KLINGER, 2007, p.79).

O campo da Antropologia se amplia incessantemente como estudo das modalidades de relações com o Outro que se estabelece na aproximação, real ou imaginária. Se o objeto da Antropologia não é mais exclusivamente o indígena, a

³⁴ O governador tomou posse como terras novamente descobertas e deu à província o nome de Vera, como aparece nos autos de posse registrados por Juan de Araoz, escrivão de Sua Majestade (Tradução nossa).

comunidade também deixa de ser o único palco de análise, uma vez que as condições de produção, circulação e consumo da cultura não ocorre apenas numa sociedade, surgindo novos enfoques relacionados com as misturas, hibridações e as relações interculturais.

Dissolvido seu objeto de estudo, a Antropologia já não detém o monopólio do estudo da cultura, porque ao mesmo tempo em que o seu terreno foi ampliado e diversificado, começa a se encontrar com o das outras disciplinas. Dessa maneira, são cada vez mais difusas as fronteiras entre a Crítica Literária, a Sociologia, Antropologia e os Estudos de Tradução.

O reconhecimento das diferenças culturais como índices significativos para demarcar fronteiras socioculturais vem progressivamente sendo considerado como princípio norteador das preocupações tanto acadêmicas quanto políticas desde o século XIX.

O fim do século XX consolida como fundamental o enfoque acima descrito, para equacionar conflitos, promover igualdades em meio às diferenças e combater preconceitos e fundamentalismos. O direito à diferença passou a integrar a pauta dos direitos humanos, sejam eles individuais ou coletivos.

Atualmente, o problema central que articula a arte e a literatura latino-americana, como lembra Klinger (2007), é o paradoxo de uma linguagem situada entre a hermenêutica do Outro e a tautologia de si mesmo. Na agenda intelectual contemporânea o que sempre aparece são questões referentes à identidade e à diferença, ao multiculturalismo, à exclusão social, ao direito das minorias, etc.

Todo o processo de busca identitária nas Américas tem relação com o brutal processo de aniquilamento das especificidades das primeiras nações já estabelecidas antes da descoberta do Novo Mundo, procurando reverter as condenações de várias ordens impostas ao colonizado. A identidade do colonizado será considerada simplesmente como oposta ao do colonizador, uma resposta deste no construto de uma limitação que leva à margem. Motivadas, inicialmente, pelo revide, as identidades tendem à busca de uma pureza original que não é mais possível ou a um fechamento da comunidade sobre si própria.

Ao desenvolver um raciocínio baseado nos ensinamentos de Frans Fanon, Homi K. Bhabha (2005, p. 29) alerta para os perigos da “fixidez e do fetichismo das identidades”. Um exemplo desse perigo seria o que vem sendo chamado na América do Norte de “apropriação de vozes”, na qual os defensores dos direitos de algumas minorias, como negros, mulheres, gays, índios, etc., levam à afirmação identitária dos

diferentes grupos a exigência de que é preciso ser negro para falar sobre negros, mulher para escrever sobre mulheres, ou índio para falar e interpretar papéis de índios.

Essa fórmula carrega o risco de se estabelecer cordões de isolamento e organiza-se de forma binária, sem avançar na questão além da inversão dos termos opostos: negro x branco, mulheres x homens, heterossexuais x homossexuais. Segundo Bhabha, toda a problemática identitária e as exclusões precisam ser repensadas para além desse binarismo redutor. Sua contribuição é de fundamental importância e para solucioná-lo ele propõe a introdução do conceito de “espaço-intersticial”. Esse conceito evita que as identidades se estabeleçam em polaridades primordiais. “A passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (BHABHA, 2005, p. 22).

Essa proposição permite a Bhabha sair do binário, pois o espaço intersticial constitui um entre-lugar que o engloba e o ultrapassa. Guimarães Rosa esteve bem próximo dessa reflexão em seu conto *A terceira margem do rio*, criando ficcionalmente este espaço entre duas margens, representado pela constante deriva do personagem.

De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos- sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim (ROSA, 1998, p. 36).

Em 1972, Silviano Santiago põe em cena o conceito de entre-lugar no discurso latino-americano, munindo-se das lições de Jorge Luis Borges e do filósofo francês Jacques Derrida, o que permitiu a ele ampliar o conceito relativo às relações interdisciplinares para a discussão sobre questões de dependência cultural, que os textos das culturas hegemônicas não representavam como valores hierarquizantes e autoritários. Para Santiago esses textos deveriam dialogar criticamente com a literatura dos países ditos periféricos.

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (SANTIAGO, 2000, p. 26).

2.1 Os Estudos de Tradução

Os Estudos de Tradução nasceram como disciplina no final da década de 1970, porém somente nos anos 1980 estabeleceram-se como disciplina autônoma. Uma característica desenvolvida pelos Estudos de Tradução é a união do trabalho com outras áreas do conhecimento como a Antropologia, a Linguística, a Filosofia, os Estudos Literários, a História da Cultura. Muitos são os estudos que investigam o modo como a tradução desempenhou papel fundamental na formação dos sistemas literários e na história das idéias.

Os tradutores enriquecem a cultura de um país e trazem um adiantamento literário, científico e técnico para os países com línguas diferentes. Para Venuti (2002, p. 147), “muito do que é bonito e vigoroso em nossa língua desenvolveu-se em parte, por intermédio da tradução ou foi trazido à luz por meio dela”.

Venuti comenta que a tradução é com frequência “[...] vista com suspeita porque, inevitavelmente, domestica textos estrangeiros, inscrevendo neles valores lingüísticos e culturais inteligíveis para comunidades específicas” (2002, p. 129). Esse processo de inscrição opera em três estágios: na produção, iniciando-se com a escolha do texto estrangeiro a ser traduzido, excluindo-se outros textos e literaturas estrangeiras que não respondam a interesses domésticos particulares; nas estratégias de tradução que reescrevem o texto estrangeiro em discursos domésticos, privilegiando alguns valores em detrimento de outros; e nos meios onde o texto produzido seria publicado: revista, livro, jornal, etc. (cf. VENUTI, 2002, p. 129).

Dentro do panorama dos estudos sobre a tradução literária, destaca-se o nome de Itamar Even-Zohar, de Tel-Aviv, que desenvolveu a teoria do polissistema. Even-Zohar começou a elaborá-la na década de 1960, a partir de reflexões sobre a teoria da tradução e sobre a intrincada estrutura histórica da literatura hebraica, fornecendo aos pesquisadores uma metodologia pela qual podemos investigar todo o processo de absorção de um texto traduzido por uma dada cultura num determinado tempo histórico (cf. BASSNETT, 2003, p. 16).

O debate sobre a tradução constitui um marco importante também a partir dos estudos de Jacques Derrida em *Torres de Babel*, publicado em 1985. Nesse ensaio o filósofo francês argumenta que o processo de tradução cria um texto original em oposição à idéia tradicional de tradução segundo a qual o original é o ponto de partida.

Baseado na leitura que faz de *A Tarefa do Tradutor*, de Walter Benjamin, Derrida desenvolveu as idéias de Benjamin na lenda bíblica da Torre de Babel, usando duas traduções: a primeira de Louis Segond e uma segunda tradução, a mais literal, de Chouraqui, (re)interpretando a história bíblica. No texto do Gênese, trata-se da mesma intenção: erguer uma torre, construir uma cidade, fazer um nome numa língua e idioma universal e uma filiação (DERRIDA, 2002, p. 15-17). O trecho bíblico na tradução de língua portuguesa no Brasil é o seguinte:

E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos, e queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume por cal. E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. Então desceu o Senhor para ver a cidade a torre que os filhos dos homens edificavam; E disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua [...] Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim o Senhor espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra (ALMEIDA, 1972, p. 11-12).

Para comunicarem-se, os povos terão de traduzir. A tradução torna-se então necessária e, ao mesmo tempo, impossível, considerando como impossível alcançar a unidade que existia antes da construção da Torre.

Derrida aproveita algumas metáforas utilizadas por Benjamin. Uma delas é que a tradução transmite uma sobrevida à obra original, que viveria não somente mais tempo, mas, sobretudo, mais e melhor. Derrida expõe então sua própria interpretação sobre o processo tradutório. Ele considera que a tarefa do tradutor “É o que chamei o contrato de tradução: himeneu ou contrato de casamento com promessa de inventar um filho cuja semente dará lugar à história e ao crescimento” (DERRIDA, 2002, p. 50).

O reconhecimento dos laços de parentesco entre leitura e tradução, escrita e fala, autor e tradutor tem encontrado no conceito de desconstrução de Jacques Derrida um aliado, um modelo exemplar no espaço das relações entre línguas diferentes:

A ‘Torre de Babel’ não configura apenas a multiplicidade irreduzível das línguas, ela exhibe um não-acabamento, a impossibilidade de completar, de totalizar, de saturar, de acabar qualquer coisa que seria da ordem da edificação, da construção arquitetural, do sistema e da arquitetônica. O que a multiplicidade de idiomas vai limitar não é apenas uma tradução ‘verdadeira’, uma entr’expressão transparente e adequada, mas também uma ordem estrutural, uma coerência do constructum. Existe aí (traduzamos) algo como um limite interno à formalização, uma incompletude da construtora. Seria fácil e até certo ponto justificado ver-se aí a tradução de um sistema em desconstrução (DERRIDA, 2002, p. 10-11).

2.1.1 A desconstrução

Ao tentar explicar o sentido da palavra “desconstrução”, em *Carta a um amigo japonês*, Derrida sugere que talvez seja mais adequado dizer o que não é: apesar das aparências, a desconstrução não é nem uma análise, nem uma crítica, e a tradução deveria levar isso em conta. A desconstrução não é um método e não pode ser transformada em método; ela não saberia reduzir-se a alguma instrumentalidade metodológica, a um conjunto de regras e de processos transponíveis. Derrida reconhece que a dificuldade de definir e de traduzir o termo deve-se ao fato de todos os predicados e conceitos definidores, as significações lexicais e as articulações sintáticas serem também desconstruídas ou desconstruíveis (cf. DERRIDA, 2005, p. 24-26).

A desconstrução delineada por Derrida atingiu entre as dicotomias e as hierarquias talvez a primeira e a mais abrangente, que é a possibilidade de uma distinção clara e objetiva entre sujeito e objeto. A estratégia desconstrutivista não pode romper ou apagar as oposições dicotômicas e hierarquizadas que examina, porque em seu discurso continua utilizando os mesmos termos dessas distinções. Desconstruir a oposição sujeito x objeto significa problematizar a relação entre os dois termos que a constituem, mostrando que o objeto não pode ser independente do sujeito, nem separado por uma barreira de neutralidade (cf. ARROJO, 2003, p. 11).

Em *Gramatologia*, um dos primeiros trabalhos de Derrida e também um de seus textos de maior impacto, encontramos uma proposta que talvez apresente um possível conceito para a desconstrução.

A ‘racionalidade’ – mas talvez fosse preciso abandonar esta palavra, pela razão que aparecerá no final desta frase –, que comanda a escritura assim ampliada e radicalizada, não é mais nascida de um *logos* e inaugura a destruição, não a demolição mas a de-sedimentação, a desconstrução de todas as significações que brotam da significação de *logos*. Em especial a significação de *verdade* (DERRIDA, 1973, p. 13).

O projeto de desconstrução desenvolvido por Derrida teve a influência do pensamento de Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud. É a sublimação do instinto sexual que permite a sobrevivência e a construção da civilização. Freud chegou a essa conclusão, que constituirá o próprio objeto de investigação da Psicanálise. É no complexo de Édipo, o primeiro agente detonador dessa sublimação, que, segundo Freud,

se explica também a possibilidade de emergência da civilização e da consciência. Como conclui Derrida, a Ciência, a Filosofia e a própria consciência resultam de um recalque:

A ciência – o que Warburton e Condillac denominam aqui a filosofia –, a *episteme* e eventualmente o saber de si, a consciência, seriam portanto o movimento da idealização: formalização algebrizante, des-poetizante, cuja operação consiste em recalcar, para melhor dominá-lo, o significante carregado, o hieróglifo atado (DERRIDA, 1973, p. 349).

Concordamos com Arrojo (2003) sobre a ilusão de que se pode deter a verdade quando a autora, referindo-se ao homem ocidental e “a sua suposta autonomia consciente – que não passa de uma instância *derivada* de processos inconscientes”, lembra-nos de que ele “crê poder separar-se do ‘real’, ou seja, crê poder olhar o ‘real’ e o outro com olhos neutros; crê, em suma, poder ‘descobrir’ ‘verdades’ que não sejam construídas por ele mesmo; nem ‘contaminadas’ pelo seu desejo” (ARROJO, 2003, p. 15).

Seguindo o mesmo pensamento de Derrida a respeito da verdade, Coracini (*apud* ARROJO, 1992, p. 21) afirma que “[...] não se trata de ‘desconstruir’, mas de desmascarar as supostas verdades absolutas e inatacáveis que, arbitrariamente, por razões de ordem ideológica, passaram a constituir nossas crenças, a integrar nosso organismo, determinando nosso modo de ver, sentir, viver [...]”.

Aplicadas à tradução, essas reflexões reformulam os conceitos tradicionais de texto original e de fidelidade. Nenhuma tradução pode ser exatamente fiel ao “original”, porque o “original” não existe como objeto estável que guarda as intenções do autor. Da mesma maneira, quando avaliamos uma tradução ou comparamos o texto traduzido ao “original”, estamos tão-somente comparando a tradução à nossa interpretação do “original”, que jamais será a mesma do tradutor.

2.1.2 Teoria e prática

Atualmente os Estudos de Tradução tornaram-se mais abrangentes, admitindo abordagens distintas. O que se tem destacado recentemente é o estudo de depoimentos sobre a tradução feitos por tradutores e linguistas situados em diferentes tempos e lugares. Esses depoimentos sobre o seu trabalho podem contribuir sobre o estudo da tradução como ato textual.

Em *Conversas com Tradutores* (Benedetti; Sobral, 2003), trata-se de pensar o fazer tradutório por parte daqueles que para além da prática de traduzir, também praticam o pensar sobre o fazer tradução. É uma interação enriquecedora entre a teoria e prática, pois a tradução é um trabalho que põe em ação habilidades, conhecimentos e atividades teóricas e intelectuais. Nesse campo de pensamento, deve-se levar em consideração o sujeito da tradução, o tradutor, dando-se atenção ao que ele pensa sobre si mesmo como tradutor e sua prática.

Benedetti (2003, p. 26-27), no Prefácio da obra supracitada, menciona que o destino do tradutor é manter-se oculto, por questões culturais enraizadas no meio cultural, e que essa invisibilidade tem duas faces: uma textual, ou seja, o texto deve ser transportado para outra língua sem que se perceba que para que isso aconteça a atuação de um ser humano de carne e osso; e social, isto é, o tradutor é socialmente ignorado, seu nome raramente é citado, nem sequer lembrada sua existência e sua importância.

A invisibilidade textual é a questão mais contemplada nos estudos teóricos de tradução. Benedetti detecta na definição de invisibilidade um paradoxo: é típico da invisibilidade do tradutor produzir textos que não pareçam traduzidos, privilegiando a fluidez, para que o leitor não perceba que está lendo um texto estrangeiro, mas sim um produzido na sua língua. Isso equivaleria a não enxergar o tradutor. Contudo, o que não se enxerga é o processo de tradução, é a própria tradução, e a invisibilidade da tradução é consequência da maior interferência do tradutor sobre o texto. Embora social e culturalmente invisível, ele se faz textualmente mais visível. Portanto, quanto mais fluente um texto, mais influente o tradutor, mais presente como manipulador do texto (cf. BENEDETTI, 2003, p. 26-27).

Os estudos de tradução cada vez mais apagam a figura do autor original, substituindo-os pelos tradutores. Só por meio da ação dos tradutores é que o mundo chega a conhecer trabalhos importantes escrito em língua estrangeira. É fato que muitas vezes os tradutores não recebem o reconhecimento que deveriam receber. No entanto, há uma diferença entre criar uma obra e traduzi-la.

Vilém Flusser (2007), filósofo de origem tcheca radicado no Brasil, traduzia pelo menos em quatro idiomas, explicando que traduzia para si mesmo seus próprios textos. Escrevia primeiro em alemão, “que é a língua que mais pulsa no meu centro”. Traduzia depois para o português, “que é a língua que mais articula a realidade social na qual me tenho engajado”. Depois traduzia para o inglês, “que é a língua que mais articula a nossa situação histórica e que dispõe de maior riqueza de repertório e forma.”

Finalmente, traduzia para a língua na qual queria que o texto fosse publicado. Procurava “[...] penetrar as estruturas das várias línguas até um núcleo muito geral e personalizado para poder, com tal núcleo pobre, articular a minha liberdade” (FLUSSER, 2007, p. 10).

Flusser considera como um aspecto da tradução a aparente passagem do intelecto de uma língua para outra.

Durante esse instante da suspensão do pensamento, paira sobre o abismo do nada, que o nada, esse horizonte do ser, se manifesta ‘nadicante’ durante o processo de tradução. Toda tradução é um aniquilamento, o mais importante nesse processo é a circunstância de esse aniquilamento ser ultrapassado e superado pela tradução realizada (FLUSSER, 2007, p. 60-61).

Cada língua possui o seu característico clima de realidade. Assim, o papel maior da tradução é (re)construir esse diferente tipo de ser. Como a tradução literal é praticamente impossível, ela só é viabilizada graças ao parentesco ontológico entre as línguas e quanto mais as línguas são afastadas menos compreensível se torna a tradução, até a intraduzibilidade quase total.

Jorge Luis Borges não era teórico da tradução, mas é possível buscar em seus textos críticas observações relevantes sobre a tradução. Na realidade, em lugar de usar certas reflexões sobre a literatura para construir uma teoria, Borges usava as traduções para elaborar reflexões sobre a literatura. Ele entendia que muitos aspectos da literatura podem ser pensados melhor nos espaços das traduções do que em outras zonas literárias.

Muitas reflexões que a crítica de Borges desenvolve sobre o problema da leitura procedem de suas observações sobre a tradução. Ele também abre uma brecha nas noções de autoria e de originalidade; é o que vemos em *Pierre Menard, autor del Quijote*, por exemplo.

No conto *Pierre Menard, autor del Quijote*, o narrador está às voltas com a produção literária deixada por Menard. Na lista da bibliografia das obras de Menard, ele procura em vão uma referência ao projeto de reescrever o *Don Quijote* tal como seu amigo lhe revelara antes de morrer. Não encontrando nenhuma marca dessa elaboração na produção herdada por Menard, o narrador encarrega-se de relatar ele mesmo o que considera uma tarefa

[...] *subterránea, la interminablemente heroica, la impar. También, ¡ay de las posibilidades del hombre!, la inconclusa. Esa obra, tal vez la más significativa de nuestro tiempo, consta de los capítulos noveno y trigésimo*

*octavo de la primera parte del don Quijote y de un fragmento del capítulo veintidós [...] (BORGES, 1995, p. 51).*³⁵

Pierre Menard não pensava em fazer uma transcrição mecânica do original espanhol, pois “[...] *Su admirable ambición era producir unas páginas que coincidieran – palabra por palabra y línea por línea – con las de Miguel de Cervantes*” (BORGES, 1995, p. 52).³⁶

O texto que Menard produzira era idêntico ao de Cervantes. Contudo, ao confrontar os dois fragmentos totalmente iguais, o narrador de Borges os considera diferentes. Nesse confronto, tudo parece ganhar sentido: são textos aparentemente iguais, mas a face invisível deles, o que se revela pelo deslocamento temporal efetuado, modifica-lhes integralmente o significado. A (re)produção de Menard ganha outros sentidos interpretativos no novo contexto relançado. Ao copiar o *Don Quijote*, Menard o reconstrói, com ambiguidades e duplos sentidos.

Nesse conto, Borges não só coloca em questão o conceito de originalidade em sua acepção convencional como também aspectos da vinculação de uma obra com seu autor. O narrador considerará a produção de Menard mais original do que seu modelo. Borges faz um experimento único sobre a tradução: comparar textos idênticos e diferentes de Cervantes e de Menard é comprovar a imperfeição de uma tradução perfeita, aquela margem de infidelidade à qual se deve resignar a mais fiel das traduções do *Quijote*.

Menard tenta recuperar o sentido original de Cervantes, mas só consegue reproduzir suas palavras. O que Menard lê e reproduz como sendo o verdadeiro *Quijote* é interpretado pelo narrador como algo diferente.

Paradoxalmente, repetindo totalmente o texto de Cervantes, Menard ilustra a impossibilidade da repetição total, exatamente porque as palavras não conseguem delimitar seu significado original, independente de um contexto ou de uma interpretação. Essas mesmas palavras assumem um determinado valor quando o narrador as relaciona ao contexto de Cervantes e outro valor quando relacionadas ao contexto de Pierre Menard.

³⁵ [...] subterrânea, a interminavelmente heróica, a ímpar. Também, ai das possibilidades do homem! A inconclusa. Essa obra, talvez a mais significativa de nosso tempo, consta dos capítulos nove e trinta e oito da primeira parte de D. Quijote e de um fragmento do capítulo vinte e dois (Tradução nossa).

³⁶ Sua ambição maior era produzir algumas páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes (Tradução nossa).

O paradoxo continua na tradução porque, ainda que um tradutor conseguisse chegar a uma repetição total de um determinado texto, sua tradução não recuperaria jamais a totalidade do original, seria outra leitura, outra interpretação. Além disso, quando Menard se transforma em autor do Quijote, seus leitores também interpretam seu texto sob diferentes pontos de vista, sem recuperar suas intenções originais.

O significado de um texto não se encontra para sempre depositado no texto, esperando ser decifrado adequadamente pelo leitor. O significado de um texto é criado a partir de um ato de compreensão na “comunidade interpretativa” onde é lido.

O conceito de comunidade interpretativa proposto por Stanley Fisch refere-se a um grupo relativamente específico de leitores, com suas respectivas características socioculturais, que será responsável, em um determinado momento histórico, pelos significados aceitáveis que se possam depreender de um texto. Julgamos que qualquer tradução examinada possui diferenças no que diz respeito à comunidade interpretativa à que se dirige e a maneira como tais comunidades foram idealizadas pelo tradutor (*cf.* FISCH, 1992, p. 191).

Não existe uma tradução correta, mas sim diferentes traduções dirigidas a diferentes grupos de leitores, em diferentes épocas, que podem ou não dar resultados suficientes. Cabe também assinalar que mesmo traduções idênticas podem resultar em maior ou menor grau de sucesso de acordo com a comunidade interpretativa à qual se dirigem.

No Brasil, Machado de Assis desempenhou um papel relevante como tradutor e como teórico sobre a prática da tradução. Sua atitude e suas reflexões sobre essa prática permitem-nos discutir, também, conceitos de autoria e de originalidade.

Nem todos os textos traduzidos por Machado de Assis o foram do idioma no qual estavam escritos no original. Machado realizou também várias traduções indiretas do francês, o idioma que mais dominava; foi da língua francesa que fez mais traduções. Influenciado por Shakespeare, “[...] pode-se afirmar que Hamlet, Otelo, Romeu e Julieta e Macbeth foram seus textos prediletos. Isso é evidente no romance Dom Casmurro, comparado ao Otelo de Shakespeare, motivo de acusação de plágio por parte de Machado” (FERREIRA, 2004, p. 123).

É relevante sublinhar o que Ferreira diz sobre a “técnica de apropriação” que se pode observar nas citações/traduições de Shakespeare feita por Machado de Assis: “As referências adquirem uma roupagem machadiana com novos significados: irônico, galhofeiros, perversos ou satânicos. Machado sempre se valia de citações de

Shakespeare, ora para invertê-las, ora para questioná-las” (2004, p. 123). Ou seja, essas citações, essas traduções já revelam uma prática de traduzir, uma forma de entender e realizar a tradução que está implícita na obra machadiana.

No prefácio que escreveu para a antologia poética de Raimundo Corrêa, *Symphonias*, Machado de Assis afirma que o poeta “perfez com o amor dos originais” as traduções que apresenta e que foi feito “[...] em muitos casos com habilidade de primeira ordem” (*apud* FERREIRA, 2004, p. 126). Assim, Machado remete à discussão sobre a oposição entre a obra original e a tradução, questionando-a e apontando para uma nova compreensão do tradutor como autor do texto traduzido e dotado de uma originalidade e autonomia frente ao texto fonte.

Podemos dizer que Machado questiona a dicotomia original/tradução, desmistificando a suposta superioridade do original. No conto *Decadência* de dois grandes homens, Machado escreve: “Atirei-me ao prazer de estudar todos os originais que encontrava, e não tenho dúvida em confessar que até então só tinha encontrado cópias” (*apud* FERREIRA, 2004, p. 128). Ao mesmo tempo, valoriza o trabalho criativo e autônomo do tradutor, considerando-o autor de uma obra que adquire características particulares em relação ao texto primeiro.

Em um dos pareceres sobre as peças apresentadas no Conservatório Dramático de Letras, Machado revela-se menos condescendente em relação às liberdades tomadas pelo tradutor, apresentando a exigência de uma fidelidade ao texto fonte, no sentido de não suprimir trechos. “Uma simples e ligeira comparação entre o original e a tradução que tenho presente basta para ver quanto esta é infiel, e como o tradutor suprimiu as dificuldades que não pôde vencer” (*apud* FERREIRA, 2004, p. 149).

As teorias de linguagem logocêntricas acreditam na possibilidade de uma tradução não-interpretativa, separando o que pertence ao autor daquilo que pertence ao tradutor.

Expressar numa língua o que está escrito em outra é uma operação tão complexa como a de expressar o que já está escrito nela mesma, pois um texto só pode ser igual a si mesmo e quando falamos de tradução, nos referimos de fato a um ato interpretativo, marcado não somente linguisticamente, mas também culturalmente.

Arrojo, fazendo uma leitura de Nietzsche, desmascara a grande ilusão sobre a qual fundamentamos nossas verdades. Segundo Nietzsche toda “verdade” estabelecida como tal, no início, é apenas “um estímulo nervoso”. “Todo sentido que chamamos de

literal foi, no princípio, metáfora, criação e não descoberta do homem” (ARROJO, 1993, p. 17).

Essa reflexão implica a desconstrução da noção de literalidade, da possibilidade de um significado depositado no texto, porque nem o próprio autor tem a consciência plena de suas intenções e todas as variações de produção do seu texto.

Aplicadas à tradução, essas reflexões reformulam os conceitos tradicionais de fidelidade e de texto “original”, porque, o original não existe como objeto estável no texto, guardando todas as intenções do autor. Além do pensamento de Nietzsche, todas as “verdades”, todos os sentidos “literais” têm que ser necessariamente reconhecidos como produto de uma interpretação mediado entre o homem e o mundo.

CAPÍTULO 3

CRÍTICA À TRADUÇÃO BRASILEIRA DE *COMENTÁRIOS*

3.1 Os *Comentários* no Brasil

A primeira edição conjunta do original em espanhol de *Naufragios y Comentarios* foi publicada em 1555 em Valladolid, por Francisco Fernández de Córdoba, com o título *Naufragios de Alvar Núñez Cabeza de Vaca y Comentarios del mismo Núñez, adelantado y gobernador de la provincia del Río de la Plata*. Geralmente as duas obras estão no mesmo livro.

No Brasil foi publicada a primeira edição na Coleção L&PM POCKET, em janeiro de 1999. Traduzida por Jurandir Soares dos Santos, natural de Canela, Rio Grande do Sul, jornalista e pós graduado em Ciências Políticas pela UFRGS, esse tradutor também publicou três livros tratando dos conflitos entre as nações.

Durante a consecução de nossa pesquisa de Iniciação Científica, intitulada: *As fronteiras literárias e não literárias na obra de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca*, utilizamos a tradução publicada pela L&PM POCKET. Para nossa surpresa, quando da confecção do projeto de pesquisa que nos levou a esta dissertação, no cotejo com a versão espanhola (1992) dos *Comentarios*, verificamos alguns problemas com respeito à tradução. Procuramos, então, a mesma obra publicada por outras editoras e encontramos apenas uma, porém que não apresentava o tradutor. Optamos por continuar com a tradução de Jurandir Soares dos Santos, fazendo dela objeto de estudo.

Como já referido anteriormente, em 1527, aos 35 anos de idade, Cabeza de Vaca foi designado tesoureiro da expedição de Pánfilo de Narváez e navegou rumo à América pela primeira vez. Sua expedição foi um fracasso. Durante oito anos, depois de um naufrágio no litoral do Texas, Cabeza de Vaca, Dorantes, Castilho e Estevan vagaram pelas áridas planícies do sudoeste norte-americano, escapando de uma tribo para caírem prisioneiros de outra. Depois de longa marcha, os sobreviventes chegaram ao México.

Cabeza de Vaca e Andrés Dorantes regressaram a Espanha e escreveu uma *Relación* de sua viagem, dirigida ao Conselho das Índias, que serviu de suporte ao texto de *Naufragios*. A nova versão de suas andanças foi impressa pela primeira vez em 1542 em Zamora, com o título *La Relación que dio Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca de lo*

acaecido en las Indias en la armada donde iba por gobernador Pánfilo de Narváez desde el año de veintisiete hasta el año de treinta y seis y que volvió a Sevilla con tres de su compañía.

Graças a *Naufragios*, em que narra toda sua extraordinária aventura, Cabeza de Vaca tornou-se homem famoso na Espanha. Foi então que os integrantes do Conselho das Índias, ao saberem da situação e do destino incerto dos colonos do rio da Prata, escolheram-no para o posto de *Adelantado* na região do Prata.

Cabeza de Vaca foi nomeado governador do rio da Prata e em 1541 desembarcou na ilha de Santa Catarina. Sua experiência em Buenos Aires, no rio Iguaçu, e principalmente em Assunção, suas negociações com as diferentes tribos indígenas, ocupam as páginas de *Comentarios*, texto descritivo que conta o cotidiano na cidade de Assunção, a construção dos povoados, a relação com os índios, o aparente propósito pacificador e evangelizador dos espanhóis.

No final de 1543, Cabeza de Vaca organizou uma expedição com quatrocentos espanhóis e oitocentos guaranis e foi para o norte, chegando às nascentes do rio Paraguai no Mato Grosso. Depois de um penoso regresso, em um motim encabeçado por Irala, Cabeza de Vaca foi preso sob acusação de abuso de poder. O governador ficou preso quase um ano antes de ser enviado para a Espanha em agosto de 1545.

Os desacordos de Cabeza de Vaca com os conspiradores foram basicamente três: o despovoamento de Buenos Aires, que ele desaprovava, em virtude de sua posição estratégica; a política de atração com os índios, baseada nos maus tratos; e o confronto permanente com Irala e seus seguidores, constantemente privilegiados em despreço aos ditames da Coroa espanhola (*cf.* CABEZA DE VACA, 1992, p. 313).

Em dezembro de 1545, iniciou-se o processo de Cabeza de Vaca. Com 36 acusações, o Conselho das Índias decidiu por sua prisão em Madri. O veredicto do Conselho das Índias, que o condenou à privação de ofício e ao desterro em Orã, foi pronunciado em 18 de março de 1551. No Arquivo Nacional de Assunção há uma cópia autêntica dessa sentença e atestada por escrivães da época:

Marzo, diez y ocho de 1551. En el pleito que entre el licenciado Ravanal, fiscal de Su Magestad, de una parte, y el Adelantado Alvar Núñez Cabeza de Vaca, Gobernador del Río de la Plata, existente en esta corte; Fallamos que por culpa que resulta del dicho pleito contra el dicho Alvar Núñez Cabeza de Vaca, le debemos condenar y condenamos en cesación perpetua del dicho oficio de gobernación, y así mismo le suspendemos perpetuamente del oficio de gobernador y Adelantado y otro qualquier oficio de justicia en todas las Indias, islas y Tierra Firme de su

Magestad para que no lo pueda usar ni ejercer so las penas en que caen e incurren las personas que usan de semejantes ofícios sin tener licencia y facultad para ello; y más le condenamos al destierro perpetuo de todas las dichas Índias, y no lo quebrante so pena de muerte; y así mismo lo condenamos a que por tiempo y espacio de cinco años cumplidos primeros y siguientes sirva a su Magestad en Orán con sus armas y caballos, a su costa, y este en el dicho servicio por el dicho tiempo de los cinco anos dichos, y reservado su derecho a salvo a las personas damnificadas en los cargos de la acusación de este dicho pleito, para que acerca de los daños que recibieron del mismo Alvar Núñez le puedan pedir lo que vieren que les cumple, si, como y ante quienes vieren que les conviene; y por esta misma sentencia dispongo así, lo firmo y condeno en costas. El licenciado Gutierre Velázquez, el licenciado Gregorio López, el doctor Rivadeneira, el licenciado Corvalán, el doctor Degorry". V. nº. 319. N.E.C. t. V, - Vol. V. Arch. N. de Assunción (apud ZUBIZARRETA, 1957, p. 191).³⁷

3.2 Análise da tradução brasileira de *Comentários*: tradução ou adaptação?

Nesta dissertação, utilizamos os *Comentários* como traduzido por Jurandir Soares dos Santos e o texto em língua espanhola da Editora Anaya, de Madri, datado de 1992.

Para a consecução de nossa tradução de *Comentários*, procuramos respeitar o texto fonte, preservando, na medida do possível, seu sentido histórico-cultural. Nossa tradução busca facilitar a leitura do leitor contemporâneo, atualizando alguns registros linguísticos e, ao mesmo tempo, mantendo seu aspecto de relato de viagem do século XVI.

Nossa tradução também almeja construir orações mais próximas da língua padrão do português, o que exigiu a consecução de cortes, recorrendo-se à pontuação, para evitar parágrafos muito longos cujos referentes são facilmente perdidos. E também inserções que não existiam no texto de Cabeza de Vaca.³⁸

³⁷ Março, dezoito de 1551. No pleito entre o licenciado Ravanal, fiscal de Sua Majestade, de uma parte, e o Adelantado Alvar Núñez Cabeza de Vaca, governador do Rio da Prata, de outra, existente nesta Corte, decidimos que por culpa que resulta do dito pleito contra o dito Álvaro Núñez Cabeza de Vaca devemos condená-lo e condenamos a cessação perpétua do dito ofício de Governador da província do Rio da Prata e de todo o direito e ação que o dito Alvar Núñez pretendia ter à governança. Assim também o suspendemos perpetuamente do ofício de governador e de qualquer outro ofício de justiça em todas as Índias, ilhas e Terra Firme de Sua Majestade, para que não possa exercer, sob as penas em que caem e incorrem as pessoas que usam de semelhantes ofícios sem ter licença e facultade para ele. E mais, o condenamos ao destierro perpétuo de todas as ditas Índias e que não o quebre sob pena de morte. E assim também o condenamos a que, por tempo e espaço de cinco anos, sirva à Sua Majestade em Orã, com suas armas e cavalos, à sua custa, e que esteja em tal serviço pelo dito tempo dos cinco anos. E que fique salvaguardado o direito das pessoas prejudicadas nos autos da acusação deste dito pleito, para que recebam do mesmo Alvar Núñez aquilo que têm por direito receber. Esta sentença fica assim disposta, eu a assino e condeno [o dito Alvar Núñez] aos seus custos. O licenciado Gutierre Velázquez, o licenciado Gregorio López, o doutor Rivadeneira, o licenciado Corvalán, o doutor Degorry (Tradução nossa).

³⁸ Essa opção já está explícita nesta dissertação desde as traduções feitas nos capítulos anteriores.

Na tradução de Jurandir Soares dos Santos (JSS)³⁹, verificamos algumas soluções que podem ser questionadas, recorrendo-se a explicações como a leitura apressada, o desconhecimento linguístico e cultural e o senso comum de que o português e o espanhol em muito se assemelham, o que, por vezes, caracterizam as traduções em língua portuguesa (no Brasil) do espanhol.

Ao organizar os capítulos de *Comentários*, JSS não os ordenou como os capítulos organizados na edição espanhola de 1992. O tradutor apresenta uma obra dividida em cinco capítulos, dispostos da seguinte forma:

- Capítulo I – A pé de Santa Catarina ao Paraguai.
- Capítulo II – Chegada à cidade de Ascensión.
- Capítulo III – Guerra e paz com os indígenas.
- Capítulo IV – Cabeza de Vaca explora o Chaco e o pantanal.
- Capítulo V – Governador chega a Ascensión e é preso.

Esses capítulos contêm ao todo 61 (sessenta e um) subtítulos. Na obra em espanhol (1992), o texto está dividido em 84 (oitenta e quatro) capítulos em algarismos romanos, sem subtítulos.⁴⁰ No capítulo X do espanhol, por exemplo, lemos:

*Del miedo que los indios tienen a los caballos
A los catorce días del mes de enero, yendo caminando por entre lugares de indios de la generación de los guaraníes, todos los cuales los recibieron con mucho placer, y los venían a ver y traer maíz, gallinas y miel y de otros mantenimientos; y como el gobernador se pagaba tanto a su voluntad, traíanle tanto, que lo dejaban sobrado por los caminos.
Toda esta gente anda desnuda en cueros, así los hombres como las mujeres; tenían muy gran temor a los caballos, y rogaban al gobernador que les dijese a los caballos que no se enojasen, y por los tener contentos los traían de comer, y así llegaron a un río ancho y caudaloso que se llama Iguatu, el cual es muy bueno y de buen pescado y arboledas; en la ribera del cual está un pueblo de indios de la generación de los guaraníes, los cuales siembran su maíz y cazabi como en todas las otras partes por donde habían pasado, y los salieron a recibir como hombres que tenían noticia de su venida y del buen tratamiento que les hacían, y les trajeron muchos bastimentos, porque los tienen. En toda aquella tierra muy hay muy grandes piñales de muchas maneras, y tienen las piñas como ya está dicho atrás. En toda esta tierra los indios les servían, porque siempre el gobernador les hacía buen tratamiento.*

No texto em língua portuguesa traduzido por JSS, esse capítulo aparece junto ao Capítulo I: A pé de Santa Catarina ao Paraguai, como segue:

³⁹ Doravante, usaremos a sigla JSS para reconhecer o tradutor dos *Comentários* na edição da L&PM POCKET.

⁴⁰ Na tradução de JSS, o que lemos são subtítulos que se referem aos capítulos do texto espanhol, não necessariamente os seguidos à regra.

Chegada ao rio Iguçu

O governador e sua gente seguiram caminhando por entre os povoados de índios guaranis, sendo sempre muito bem recebidos. Toda essa gente anda desnuda, tanto homens como mulheres, e têm muito temor aos cavalos. Rogavam ao governador que dissesse aos cavalos que eles não iriam molestá-los e procuravam sempre trazer comida para os animais, para não serem maltratados por eles. Assim, seguindo por esses caminhos, aos quatorze dias do mês de janeiro, chegaram a um rio muito largo e caudaloso que se chama Iguçu. É um rio muito bom, de bastante pescado e muitas árvores na ribeira. Ali também existia um outro povoado de guaranis, que igualmente dispensaram o mesmo tratamento cordial. Naquele local também existem muitos pinheiros (1999, p. 135-136).

Por nosso turno, assim traduzimos o que vai no Capítulo X do texto espanhol:

Do medo que os índios têm de cavalos

Aos quatorze dias do mês de janeiro, caminhando pelos lugares dos índios da tribo dos guaranis, o governador e sua gente foram recebidos com muita alegria. Os índios vinham vê-los e traziam milho, galinhas, mel e outros mantimentos, e como o governador os pagava muito bem, traziam tanto que deixavam sobras pelos caminhos.

Toda esta gente anda completamente nua, tanto os homens como as mulheres, e têm grande temor aos cavalos. Rogavam ao governador que dissesse aos cavalos para não se aborrecerem, e por vê-los contentes, [os índios] traziam comida para os animais.

E assim chegaram a um rio largo e caudaloso que se chama Iguçu. É um rio muito bom, de muitos peixes e arvoredos. Na ribeira existe um povoado da tribo dos guaranis. Quando souberam da vinda do governador e do bom tratamento que faziam, os índios saíram para recebê-lo e trouxeram muitos mantimentos. Em toda aquela terra existem muitos pinheiros de diversos tipos e têm as pinhas como já foi dito atrás. Nesse lugar os índios serviam ao governador, porque ele sempre os tratava bem.

Como já apresentado anteriormente, o governador Cabeza de Vaca não deixa escapar ocasiões para oferecer tratamento amistoso aos índios Guaraní, uma das marcas discursivas que se destacam em seus *Comentários*. Enquanto JSS usa verbos como “maltratar” ou “molestar”, indícios da perturbação causada pelo assédio dos espanhóis aos nativos, preferimos manter-nos próximos do texto espanhol, apresentando alternativas que traçam a cordialidade dos índios quando alvos de um tratamento não violento por parte dos colonizadores. Isso reforça o que foram as relações pretendidas por Cabeza de Vaca com os Guaranis.

Notamos ainda que na tradução de JSS, além do deslocamento do Capítulo X, a referência ao tempo cronológico (14 de janeiro) foi suprimida. Esse período (janeiro, verão no Hemisfério Sul) parece ser um tempo de fartura entre os Guaraní, pois recepcionavam alegremente a comitiva do governador e lhes ofereciam parte de seus alimentos.

O Capítulo XXIV do texto espanhol dos *Comentarios* traz o seguinte:

De un escándalo que causó un tigre entre los españoles y los indios
Caminando el gobernador y su gente por la vera de unas arboledas muy espesas, ya que quería anochecer, atravesóse un tigre por medio de los alarma, y los españoles, creyendo que se querían volver contra ellos, dieron en los indios con apellido de Santiago, y de aquella refriega hicieron algunos indios; y visto por los indios, se metieron por el monte adentro huyendo, y hubieran herido con dos arcabuzazos al gobernador, porque le pasaron las pelotas a raíz de la cara; los cuales se tuvo por cierto que le tiraron maliciosamente por lo matar, por complacer a Domingo de Irala, porque le había quitado el mandar de la tierra, como solía.

Y visto por el gobernador que los indios se habían metido por los montes, y que convenía remediar y apaciguar tan gran escándalo y alboroto, se apeó solo y se lanzó al monte con los indios, animándoles y diciéndoles que no era nada, sino que aquel tigre había causado aquel alboroto, y que él y su gente española eran sus amigos y hermanos, y vasallos de Su Majestad, y que fuesen todos con él delante a echar a los enemigos de la tierra, pues que los tenían muy cerca. Y con ver los indios al gobernador en persona entre ellos, y con las cosas que les dijo, ellos sosegaron y salieron del monte con él; y es cierto que en aquel trance estuvo la cosa en punto de perderse todo el campo, porque si los dichos indios huían y se volvían a sus casas, nunca se aseguraran ni fiaran de los españoles, ni sus amigos y parientes; y así se salieron, llamando el gobernador a todos los principales por sus nombres que se habían metido en los montes con los otros; los cuales estaban muy atemorizados, y les dijo y aseguró que viniesen con él seguros, sin ningún miedo ni temor; y que si los españoles los habían querido matar, ellos habían sido la causa, porque se habían puesto en armas, dando a entender que los querían matar; porque bien entendido tenían que había sido la causa aquel tigre que pasó entre ellos, y que había puesto el temor a todos; y que, pues eran amigos, se tornasen a juntar, pues sabían la guerra que iban a hacer era y tocaba a ellos mismos y por su respeto se la hacía, porque los indios guaycurúes nunca los habían visto ni conocido los españoles, ni hecho ningún enojo ni daño, y que por los amparar y defender a ellos, y que no les fuesen hechos daños algunos, iban contra los dichos indios.

Siendo tan rogados y persuadidos por el gobernador por buenas palabras, salieron todos a ponerse en su mano muy atemorizados, diciendo que ellos se habían escandalizado yendo caminando, pensando que del monte salían sus enemigos, los que iban a buscar; y que iban huyendo a se amparar con los españoles, y que no era otra la causa de su alteración; y como fueron sosegados los indios principales, luego los otros de su generación se juntaron, y sin que hubiese ningún muerto; y así juntos, el gobernador mandó que todos los indios de allí adelante fuesen a la retaguarda, y los españoles en la vanguardia, y la gente de a caballo delante de toda la gente de los indios españoles; y mandó que todavía caminasen como iban en la orden por dar más contento a los indios, y viesen la voluntad con que iban contra sus enemigos y perdiesen el temor de lo pasado; porque, si se rompiera con los indios, y no se pusiera remedio, todos los españoles que estaban en la provincia no se pudieran sustentar ni vivir en ella, y la habían de desamparar forzosamente; y, así, fue caminando hasta dos horas de la noche, que paró con toda la gente, donde cenaron de lo que llevaban, debajo de unos árboles (CABEZA DE VACA, 1992, p. 176-177).

No texto traduzido por JSS, a citação acima pertence ao Capítulo II - Chegada à cidade de Ascensión:

Um tigre causa espanto entre índios e espanhóis

Um outro alvoroço voltou a acontecer entre os índios, que fez com que os espanhóis chegassem a se colocar em posição de tiro, pensando que estavam sendo atacados. Tudo por causa de um tigre que saiu de trás de umas árvores e colocou os índios em fuga. O incidente teve conseqüências maiores, no entanto, pois, em meio a alguns disparos de arcabuz que foram feitos contra os índios, dois deles atingiram de raspão o governador. Tiveram certeza de que esses disparos foram feitos com a intenção de matar o governador, sendo desfechados por adeptos de Domingo de Irala, a quem Cabeza de Vaca havia tirado o mandato. Como com o alvoroço os índios se espalharam pelos montes, o governador tomou alguns outros índios que haviam ficado e saiu à cata dos outros, procurando explicar-lhes que o que acontecera fora um mero incidente provocado por um tigre e que os espanhóis eram seus amigos, devendo todos unidos seguir em busca do inimigo comum. Ao verem o governador em pessoa ir ao seu encontro, os índios começaram a se acalmar e pouco a pouco foram retornando.

É certo que esse episódio quase colocou por terra toda a ação pacificadora até então desenvolvida, pois, se os índios tivessem se embrenhado pelo mato e retornado para suas casas sem ter conversado com o governador, ninguém mais poderia se aproximar deles. Não fosse o governador se meter pelo mato e chamar todos os principais por seus nomes e explicar-lhes o ocorrido, a situação teria sido bem outra, pois os índios ficaram duplamente atemorizados: pelo aparecimento repentino de um tigre entre eles; depois por estarem sendo alvejados pelos próprios espanhóis que se diziam seus amigos. Contornado o incidente, já que depois que os principais retornaram todos os demais também vieram, o governador determinou que dali em diante os espanhóis iriam à frente do batalhão, seguindo os índios na retaguarda. Disse aos índios para que observassem a vontade com que os espanhóis iam contra os inimigos, para que voltassem a se animar e perdessem o temor pelo passado e assim foram caminhando, até duas horas depois de ter entrado a noite, quando pararam para jantar (1999, p.154-155).

Optamos pela seguinte tradução:

Um tigre causa alvoroço entre os espanhóis e os índios

Caminhando o governador e sua gente ao lado de uns arvoredos bastante espessos, já estava quase anoitecendo quando um tigre atravessou no meio dos índios, causando um grande alvoroço que deixou os espanhóis em estado de alarme. Os espanhóis, pensando que estavam sendo atacados, voltaram-se contra os índios invocando Santiago. Naquele confronto alguns tiros de arcabuz foram disparados, muitos índios fugiram para o mato e o governador foi ferido de raspão no rosto. Estavam certos de que atiraram com a intenção de matar o governador, para agradar Domingo de Irala, porque Cabeza de Vaca havia lhe tirado o mandato.

Para remediar e apaziguar tão grande alvoroço, o governador juntou alguns índios e foram procurar os que haviam fugido, animando-os e dizendo-lhes que não era nada, que aquele tigre havia causado confusão, que ele e os espanhóis eram seus amigos, irmãos e vassallos de Sua Majestade, e que fossem com eles procurar os inimigos da terra, pois já estavam bem próximos. Ao verem o governador em pessoa entre eles, os índios se acalmaram e pouco a pouco foram saindo do mato.

É certo que aquele episódio quase colocou tudo a perder, porque se os índios fugissem e voltassem para suas casas, nunca mais confiariam nos espanhóis, nem seus amigos e parentes.

E assim, o governador foi chamando todos os líderes por seus nomes, que se haviam embrenhado no mato com os outros, os quais estavam bastante atemorizados. Disse-lhes que estariam seguros, que se os espanhóis queriam

matá-los, eles próprios haviam sido a causa, porque estavam armados, dando a entender que queria matá-los. [Os índios] entenderam bem que a causa de tudo aquilo foi o tigre que atravessou entre eles. Eram amigos e que se tornassem a se juntar, pois sabiam que a guerra que iam fazer retornaria para eles mesmos. Que ele tinha respeito [pelos índios], porque os índios guaicurus ele nunca havia visto, nem eles conheciam os espanhóis, nem lhes feito nenhuma ofensa, e que ele ampararia [os guaranis] contra os ditos índios.

Convencidos pelo governador pelas boas palavras, saíram todos caminhando, dizendo que eles haviam se escandalizado, pensando que do mato saiam seus inimigos, os que iam procurar, e que estavam fugindo para serem amparados pelos espanhóis, que não era outro o motivo de sua alteração. Depois que os líderes foram acalmados e não havia nenhum morto, os outros índios se juntaram. Para ver os índios contentes, o governador determinou que todos eles dali em diante fossem na retaguarda e os espanhóis na frente e mandou que caminhassem sempre nessa ordem e observassem à vontade como [os espanhóis] iam contra seus inimigos e que perdessem o temor do passado. Isso porque se rompesse com os índios, todos os espanhóis que estavam na província não poderiam se sustentar, nem viver nela. E assim foram caminhando por mais umas duas horas. Era noite quando pararam para jantar do que levavam, debaixo de umas árvores.

Na tradução de JSS, o que vemos é uma interpretação da ação do governador, ou seja, se o episódio não fosse controlado a tempo e os Guaranis se sentissem ameaçados pelos espanhóis, todas as investidas pacificadoras de Cabeza de Vaca poderiam ter sido em vão. Inclusive se remete aos Guaicurus, inimigos dos Guaranis, a quem os colonizadores defenderiam se a situação assim o pedisse. Ao traduzir o relatado em língua espanhola, podemos inferir o que JSS inscreve em seu texto, porém isso não vai explicitamente posto no *Comentários*, como propomos em nossa tradução.

Eis o capítulo XXVIII:

De cómo los indios agaces rompieron las paces

Además de lo que Gonzalo de Mendoza dijo y avisó al gobernador, de que se hace mención en el capítulo antes que éste, le dijo que los indios de la generación de los agaces, con quienes se habían hecho y asentado las paces la noche del propio día que partió de la ciudad de la Ascensión a hacer la guerra a los guaycurúes, habían venido con mano armada a poner fuego a la ciudad y a hacerles la guerra, y que habían sido sentidos por las centinelas, que tocaron alarma; y ellos, conociendo que eran sentidos, se fueron huyendo y dieron en las labranzas y caserías de los cristianos, de los cuales tomaron muchas mujeres de la generación de los guaraníes, de cristianas nuevamente, convertidas, y que de allí adelante habían venido cada noche a saltar y robar la tierra, y habían hecho muchos daños a los naturales por haber rompido la paz; y las mujeres que habían dado en rehenes, que eran de su generación, para que guardasen la paz, la misma noche que ellos vinieron habían huído, y les habían dado aviso cómo el pueblo quedaba con poca gente, y que eran buen tiempo para matar a los cristianos; y por aviso de ellas vinieron a quebrantar la paz y a hacer la guerra, como lo acostumbraban; y habían robado las caserías de los españoles, donde tenían sus mantenimientos, y se lo habían llevado, con más de treinta mujeres de los guaraníes.

Y oído esto por el gobernador, y tomada la información de ello, mandó llamar a los religiosos y clérigos, y a los oficiales de Su Majestad y a los capitanes, a los cuales dio cuenta de lo que los agaces habían hecho en rompimiento de las paces, y les rogó, y de parte de Su Majestad les mandó, que diesen su parecer (como Su Majestad lo mandó que lo tomase, y con él hiciese lo que conviniese), firmándolo todos ellos de sus nombres y mano, y, siendo conformes a una cosa, hiciese lo que ellos le aconsejasen; y, platicado el negocio entre todos ellos y muy bien mirado, fueron de acuerdo y le dieron por parecer que les hiciese la guerra a fuego y a sangre, por castigarlos de los males y daños que de continuo hacían en la tierra; y siendo éste su parecer y estando conformes, lo firmaron de sus nombres. Y, para más justificación de sus delitos, el gobernador mandó hacer proceso contra ellos; y, hecho, lo mandó juntar y acumular con otros cuatro procesos que habían hecho contra ellos antes de que el gobernador fuese. Los cristianos que antes en la tierra estaban habían muerto más de mil de ellos por los males que en la tierra continuamente hacían (CABEZA DE VACA, 1992, p. 183).

A citação acima também pertence ao Capítulo II - Chegada à cidade de Ascensión na tradução brasileira do *Comentários*, sendo assim posta:

Índios agaces romperam a paz

Gonzalo de Mendoza também relatou um outro fato ocorrido na ausência do governador. Relacionava-se com o ataque perpetrado pelos índios agaces, que haviam acertado a paz na noite em que o governador partira para combater os guaicurús. Esses agaces haviam vindo armados para fazer a guerra e colocar fogo na cidade, mas foram percebidos pelos sentinelas e ao se sentirem descobertos resolveram fugir. Na fuga ainda atacaram lavouras e casas de cristãos, roubando muitas mulheres guaranis que haviam se tornado cristãs. Dali em diante vinham todas as noites roubar nas lavouras e provocar danos aos guaranis. As mulheres que haviam dado como reféns para que guardassem a paz, na primeira noite em que vieram, haviam fugido e lhes avisado que a cidade havia ficado com pouca gente em virtude da ida do governador para combater os guaicurús. Roubaram os armazéns dos espanhóis onde tinham seus mantimentos e levaram mais de trinta mulheres guaranis.

Tendo ouvido esse relato, o governador mandou chamar os religiosos, os clérigos e os oficiais de Sua Majestade, e pediu-lhes que dessem seu parecer sobre o que deveria ser feito. Esse parecer era dado por escrito e assinado (conforme Sua Majestade mandara) e decidira pelo ataque a fogo e sangue aos agaces, para castigá-los pelos danos que estavam fazendo. E, para melhor justificar sua ação, o governador mandou abrir processo contra os índios agaces e mandou juntar a outros quatro processos que os cristãos que haviam assaltados já haviam feito antes que o governador retornasse (1999, p.160).

A seguir, propomos a nossa tradução para o Capítulo XXVIII:

De como os índios agazes romperam a paz

Além do que Gonzalo de Mendoza relatou no capítulo anterior, disse ao governador que os índios agazes, com quem já haviam acertado as pazes na noite em que o governador partiu da cidade de Assunção para fazer guerra com os guaicurús, tinham vindo armados para colocar fogo na cidade e fazer guerra. No entanto, foram percebidos pelas sentinelas, que tocaram o alarme. Ao perceberem que foram descobertos, os guaicurús fugiram. Na fuga, atacaram as lavouras e as casas dos cristãos, roubaram muitas mulheres guaranis convertidas em cristãs. Depois disso, vinham todas as noites assaltar e roubar e faziam muitos danos aos nativos, por terem rompido a paz. As mulheres que haviam dado como reféns, para que guardassem a paz, na mesma noite em que eles vieram, fugiram e os [os agazes] avisaram de que o povoado havia ficado com pouca gente e que era a melhor hora para matar os cristãos. E com aviso, vieram romper a paz e fazer guerra como estavam acostumados, roubaram as casas dos espanhóis, onde tinham seus mantimentos, e levaram mais de trinta mulheres guaranis.

Tendo ouvido o relato e tomado informação, o governador mandou chamar os religiosos, clérigos, capitães e oficiais de Sua Majestade, aos quais deu conta de que os agazes haviam rompido a paz, e lhes pediu, em nome de Sua Majestade que dessem seu parecer (conforme mandou Sua Majestade e, com ele, fizesse o que lhe conviesse) como deveria ser feito. Decidiram a guerra a fogo e sangue aos índios agazes, para castigá-los dos danos que continuamente faziam na terra. Estando todos de acordo, assinaram o documento.

Para justificar seus delitos, o governador mandou abrir processo contra os índios, mandou juntar com outros quatro processos que havia feito contra eles antes que o governador retornasse. Os cristãos que antes estavam na terra, mais de mil deles haviam matado pelos males que os índios continuamente faziam no povoado.

Tanto a tradução de JSS quanto a nossa preocupam-se em demonstrar como Cabeza de Vaca se justificou para defender os interesses dos espanhóis em terras usurpadas: ele se aproveita das inimizades entre os indígenas locais (Guarani, Guaicurú e Agaze) para confirmar as medidas contra os agazes. Além disso, promove uma assembléia com os representantes de Sua Majestade na terra conquistada – membros da Igreja Católica e do exército – a fim de tomar a decisão mais acertada. Como podemos perceber, também há trechos em que a tradução de JSS está próxima daquilo que propomos como tal.

No Capítulo XL do relato em língua espanhola, lemos:

De lo que escribió Gonzalo de Mendoza

Pocos días después de que Gonzalo de Mendoza se hubiese partido con los tres navíos, escribió una carta al gobernador, por la cual le hacía saber cómo él había llegado al puerto que dicen de Giguy, y que había enviado por la tierra adentro a los lugares donde le habían de dar los bastimentos, y que muchos indios principales que le habían venido a ver y comenzado a traer los bastimentos; y que las lenguas habían venido huyendo a se recoger a los bergantines porque los habían querido matar los amigos y parientes de un indio que andaba alzado, y andaba alborotando la tierra contra los cristianos y contra los indios que eran nuestros amigos; que decían que nos les diesen bastimentos, y que muchos indios principales que habían venido a pedirle ayuda y socorro para defender y amparar sus pueblos de los indios

principales, que se decían Guazani y Atabare, con todos sus parientes y valedores, y les hacían la guerra crudamente a fuego y a sangre, y les quemaban sus pueblos, y les corrían la tierra, diciendo que los matarían y destruirían si no se juntaban con ellos para matar y destruir y echar de la tierra a los cristianos; y que él andaba entreteniéndolo y temporizando con los indios hasta le hacer saber lo que pasaba, para que proveyese en ello lo que conviniese; porque, Allende de lo susodicho, los indios no le traían ningún bastimento, por tenerles tomados los contrarios los pasos; y los españoles que estaban en los navíos padecían mucha hambre.

Y, vista la carta de Gonzalo de Mendoza, mandó el gobernador llamar a los frailes y clérigos y oficiales de Su Majestad a los capitanes, los cuales fueron juntos, y les hizo leer la carta; y vista, les pidió que le diesen parecer lo que sobre ello les parecía que se debía hacer, conformándose con la instrucción de Su Majestad, la cual les fue leída en su presencia; y que, conformándose con ella, le diesen su parecer de lo que debía de hacer, y que más conviniese al servicio de Su Majestad; los cuales dijeron que, pues los dichos indios hacían la guerra contra los cristianos y contra los naturales vasallos de Su Majestad, que su parecer de ellos era, y así lo daban, y dieron y firmaron se sus nombres, que debía mandar gente de guerra contra ellos, y requerirles primero con la paz, apercibiéndolos de que se volviesen a la obediencia de Su Majestad; que si no lo quisiesen hacer, se lo requiriesen una y dos y tres veces, y más cuantas pudiesen, protestándoles que todas las muertes y quemas y daño que en la tierra se hiciesen fuesen a su cargo y cuenta de ellos; y cuando no quisiesen venir a dar la obediencia, que les hiciese la guerra como contra enemigos, y amparando y defendiendo a los indios amigos que estaban en la tierra (CABEZA DE VACA, 1992).

No *Comentários* de língua portuguesa, o trecho acima pertence ao Capítulo III-Guerra e paz contra os indígenas, sendo assim traduzido:

Carta de Gonzalo de Mendoza

Poucos dias depois de ter partido, Gonzalo de Mendoza enviou uma carta ao governador, informando que havia chegado ao porto de Giguy e que havia mandado gente por terra a comprar mantimentos e que muitos índios já estavam vindo com as mercadorias para vender-lhes. Alguns intérpretes, no entanto, vieram se refugiar nos bergantins, porque os amigos e parentes de um índio que andava rebelado queriam matá-los, pelo fato de eles estarem intermediando os negócios com os espanhóis. Muitos índios principais também vieram pedir ajuda para se defenderem dos índios Guazani e Tabere, que lhes faziam a guerra a fogo e sangue, destruindo seus povoados e matando sua gente. Diziam que os destruiriam totalmente se não ajudassem a expulsar os cristãos daquelas terras. Em função disso, os índios haviam inclusive parado de lhe trazer os abastecimentos que fora comprar. Para temporizar, Gonzalo de Mendoza andava conversando entre os índios, tentando acalmá-los e procurando ajudá-los. E ajudar também os espanhóis que haviam ficado nos navios, que a essa altura já estavam também sem abastecimento, padecendo de fome.

Mais uma vez o governador mandou chamar todos os altos representantes ali presentes para discutir o que deveria ser feito, tendo concluído que, já que os índios faziam guerra contra os cristãos e contra outros índios vassallos de Sua Majestade, se deveria também ir em guerra contra eles. Antes, porém, deveria ser proposta a paz e a obediência a Sua Majestade. Essa proposta deveria ser repetida uma, duas, três ou quantas vezes fosse necessário para evitar a guerra. Mas, se com tudo isso não fosse possível dissuadi-los, deveria se fazer ver que seriam os responsáveis pelos danos que iriam acontecer, iniciando a guerra para proteger os espanhóis e os índios que eram seus aliados (1999, p.175-176).

Segue a nossa tradução:

Do que escreveu Gonzalo de Mendoza.

Poucos dias depois que partiu com os três navios, Gonzalo de Mendoza escreveu uma carta ao governador, informando como havia chegado ao porto de Giguy e que havia enviado gente por terra aos lugares onde haviam de dar-lhe os mantimentos, e que muitos índios líderes já estavam vindo trazer os mantimentos. Alguns intérpretes vieram fugindo se refugiar nos bergantins, porque os amigos e parentes de um índio rebelado queriam matá-los. Esses índios perturbavam os cristãos e os índios que eram nossos amigos, dizendo que lhes dessem mantimentos. Muitos índios líderes vieram pedir ajuda para defender seu povo dos índios Guazani e Atabare, que lhes faziam a guerra cruelmente, a fogo e sangue, queimando seus povoados e tomando-lhes a terra. Diziam que os matariam se não se juntassem a eles para tomar as terras dos cristãos. Gonzalo de Mendoza tentava entreter os índios até saber o que se passava para ajudá-los; porque, além disso, os índios não lhe traziam nenhum mantimento e os espanhóis que estavam nos navios já padeciam de fome.

Depois de ler a carta de Gonzalo de Mendoza, o governador mandou chamar os frades, clérigos, oficiais e capitães de Sua Majestade, que também leram a carta, e pediu-lhes que dessem o seu parecer sobre o que deveria fazer. Eles lhe disseram que se os índios faziam guerra contra os cristãos e contra os nativos vassallos de Sua Majestade deveriam fazer a guerra contra eles também. E assim concordaram e assinaram seus nomes. No entanto, primeiro deveriam propor a paz e a obediência à Sua Majestade. Percebendo que não quisessem fazer [a paz da primeira vez], que lhe pedissem uma, duas, três, quantas vezes fossem necessárias. [Deveriam] demonstrar que todas as mortes, as queimas e os danos que fizessem na terra ficariam por conta e responsabilidades deles, e quando não quisessem obedecer, que [os espanhóis] fizessem a guerra como contra os inimigos, protegendo os índios amigos que estavam na terra.

Se, por um lado, o Capítulo XL está alocado no Capítulo III da tradução de JSS, por outro, não difere significativamente daquele que nós propomos. Vale destacar que, em ambas as traduções, novamente é posta em cena a capacidade de Cabeza de Vaca em ouvir seus compatriotas, dividindo responsabilidades no tocante ao destino dos aliados indígenas e da sobrevivência dos espanhóis no Novo Mundo. O governador reúne-se com os religiosos e com oficiais de Sua Majestade. Há também o reforço de uma possível ação beligerante porque os alvos são “cristãos” e aliados dos cristãos. Aos amigos a cruz, aos inimigos a espada.

Chama-nos também atenção como o relato é enfático na tentativa de um acordo verbal, “quantas vezes fossem necessárias”, antes de qualquer atitude de guerra. É mais um indício que reforça a visada congregadora entre espanhóis e indígenas que Cabeza de Vaca dá aos seus *Comentários*.

Leiamos outro trecho do texto em língua espanhola:

Pocos días después de que los religiosos y clérigos y los demás diesen su parecer, el mismo capitán Gonzalo de Mendoza tornó a escribir otra carta al gobernador, en la cual le hacía saber cómo los indios Guazani y Atabare, principales, hacían cruel guerra a los indios amigos, corriendóles la tierra, matándolos y robándolos, hasta llegar al puerto donde estaban los cristianos que habían venido defendiendo los bastimentos; y que los indios amigos estaban muy fatigados, pidiendo cada día socorro a Gonzalo de Mendoza y diciéndolo que, si brevemente no los socorría, todos los indios se alzarían, por excusar la guerra y daños que tan cruel guerra les hacía de continuo (CABEZA DE VACA, 1992, p. 176-177).

Na tradução feita JSS, há uma ameaça por parte dos índios aliados caso o socorro dos espanhóis não chegue a tempo de poupá-los dos dissabores impostos por seus inimigos:

Poucos dias depois de terem tomado essa decisão, chegou outra carta de Gonzalo de Mendoza, comunicando que os índios Guazani e Tabere faziam cruel guerra aos seus amigos, matando e roubando tudo que podiam e que estes vinham desesperadamente pedir-lhe socorro, dizendo que se Mendoza não lhes ajudasse seriam obrigados a passar para o lado dos índios rebeldes para não morrerem (1999, p.176).

A ameaça, segundo JSS, se concretizaria na aliança dos aliados com os rebeldes. Eis como traduzimos o mesmo trecho:

Poucos dias depois que os religiosos, clérigos e os demais deram o seu parecer, o mesmo capitão Gonzalo de Mendoza escreveu outra carta ao governador, comunicando-lhe que os líderes Guazani e Atabare faziam cruel guerra aos índios amigos, matando, roubando e tomando-lhes a terra, até chegar ao porto onde estavam os cristãos que tinham vindo para defender os mantimentos. Os índios amigos estavam cansados, pedindo socorro a Gonzalo de Mendoza, e [avisando-o de] que se brevemente não fossem socorridos, todos se esquivariam [dos espanhóis] para evitar a guerra cruel e os danos que lhes fazia continuamente.

O que se renova pelo relato de Cabeza de Vaca é a aliança entre espanhóis e indígenas: há a consciência de não se pode prescindir do apoio dos nativos para o progresso da empresa colonizadora. Numa leitura maquiavélica, o trecho supramencionado fala da necessidade de desagregar ainda mais as nações indígenas já inimigas, impondo-se os colonizadores como os amigos daqueles que os auxiliam, aqueles que não os desampararão.

No Capítulo LV está escrito:

Cómo poblaron aquí los indios de García

A media legua estaba otro pueblo más pequeño, de hasta setenta casas, de la misma generación de los sacociés, y a cuatro leguas están otros dos pueblos de los chaneses que poblaron en aquella tierra, de los que atrás dije que trajo García de la tierra adentro; y tomaron mujeres en aquella tierra, que muchos de ellos vinieron a ver y conocer, diciendo que ellos eran muy alegres y muy amigos de los cristianos, por el buen tratamiento que les había hecho García cuando los trajo de su tierra.

Algunos de estos indios traían cuentas, margaritas y otras cosas, que dijeron haberles dado García cuando con él vinieron. Todos estos indios son labradores, criadores de patos y gallinas; las gallinas son como las de España, y los patos también.

El gobernador hizo a estos indios muy buenos tratamientos y les dio sus rescates, y los recibió por vasallos de Su Majestad, y los rogó y apercibió, diciéndoles que fuesen buenos y leales a Su Majestad y a los cristianos; y que haciéndolo así serían favorecidos y muy bien tratados, mejor que lo habían sido antes (CABEZA DE VACA, 1992, p. 228).

O trecho faz parte do Capítulo IV- Cabeza de Vaca explora o Chaco e o Pantanal, sendo assim traduzido por JSS:

Povoados formados pelos índios de Garcia

O primeiro povoado terra adentro estava a pouco mais de meia légua e tinha umas oitocentas casas, sendo também de gente lavradora. A meia légua estava outro povoado, bem menor, de umas setenta casas. E a quatro léguas estavam os povoados dos chanes, que povoaram aquelas terras depois que para ali foram trazidos por Garcia. Esses índios tomaram mulheres daquelas redondezas e viviam ali muitos felizes, sendo muito amigos dos cristãos em função do bom tratamento que lhes fora dispensado por Garcia. Todos esses índios são lavradores e criadores de patos e galinhas. O governador dispensou a esses índios muito bom tratamento, dando-lhes presentes e recebendo-os como vassallos de Sua Majestade (1999, p.199).

Como já dito no Capítulo 1 desta dissertação, uma das características dos relatos de Cabeza de Vaca é o uso recorrente da figura retórica comparativa, donde é possível visualizar a Europa como a matriz para a comparação, ainda que fosse para exaltar a superioridade da América. Porém, na tradução de JSS, a comparação é suprimida, restando o anúncio de mais um povoado amigo dos espanhóis. Para preservar a recorrência à comparação, marca referencial do texto de Cabeza de Vaca, propomos a seguinte tradução:

Como povoaram aqui os índios de Garcia

A meia légua estava outro povoado bem menor, de umas setenta casas mais ou menos, da mesma tribo dos sacociés. A quatro léguas estavam outros dois povoados dos chaneses, que povoaram aquela terra depois que foram trazidos por Garcia. Esses índios tomaram muitas mulheres naquela terra que muitos deles vieram ver e conhecer, dizendo-se que eles eram bastante alegres e amigos dos cristãos, pelo bom tratamento que lhes havia feito Garcia quando os trouxera de sua terra.

Alguns desses índios traziam contas, margaridas e outras coisas que Garcia havia lhes dado quando vieram com ele. Todos esses índios são lavradores,

criadores de patos e galinhas; as galinhas são como as de Espanha e os patos também.

O governador deu a esses índios bom tratamento, deu-lhes presentes e os recebeu por vassallos de Sua Majestade, rogando e prevenindo-os que fossem bons e leais à Sua Majestade e aos cristãos, que seriam favorecidos e bem tratados, melhor do que havia sido antes.

A tradução de JSS também se furta de trazer ao leitor a ameaça e o rogo do governador: caso os “índios de Garcia” não se comportassem como bons e leais vassallos do rei de Espanha, poderiam não receber mais o tratamento que lhes era destinado.

O Capítulo LXIV adentra nas relações mais comezinhas entre os espanhóis e os índios, como a do nativo que serve como intérprete e guia ao colonizador:

De cómo vino la lengua de la casilla

Otro día, a las tres de la tarde, vino la lengua y trajo consigo al indio que dijo que sabía el camino, el cual recibió y habló muy alegremente, y le dio sus rescates, con que él se contentó; y el gobernador mandó a la lengua que de su parte le dijese y rogase que con toda verdad le descubriese el camino de la tierra poblada.

Él dijo que hacía muchos días que no había ido por él, pero que él lo sabía y lo había andado muchas veces yendo a Tapuaguazu, y que desde allí se ven los humos de toda la población de la tierra; y que él iba a Tapua por flechas, que las hay en aquella parte, y que ha dejado muchos días de ir por ellas, porque, yendo a Tapua, vio antes de llegar humos que se hacían por los indios, por lo cual conoció que se comenzaban a venir a poblar aquella tierra los que solían vivir en ella, que la dejaron despoblada en tiempo de las guerras, y porque no lo matasen no había osado ir por el camino, el cual está ya tan cerrado que con muy gran trabajo se puede ir por él, y que le parece que en dieciséis días iban hasta Tapua yendo cortando árboles y abriendo camino (CABEZA DE VACA, 1992).

JSS assim traduz o excerto acima:

Chegada do novo guia e intérprete

No outro dia, às três da tarde, chegou o intérprete trazendo aquele índio que dissera conhecer o caminho, que foi alegremente recebido pelo governador, que lhe deu muitos presentes, deixando-o muito contente. Ele disse que fazia muito tempo que não passava mais ali, mas que conhecia o caminho, tendo ido muitas vezes a Tapuaguazu e que dali se vêem as fumaças de todos os povoados daquelas terras. Disse também que costumava ir a Tapua para comprar flechas, mas que ultimamente não tinha mais ido, porque percebera fumaça de outras populações que ali vieram se estabelecer e ficara com medo de cruzar por ali. Foi-lhe perguntado se queria ir com os cristãos para lhes ensinar o caminho, tendo respondido que iria de boa vontade, apesar de ter grande medo dos índios daquelas terras (1999, p.212-213).

Segue a nossa tradução do Capítulo LXIV:

De como chegou o intérprete à guarita

No outro dia, às três horas da tarde, veio o intérprete e trouxe consigo o índio que disse saber o caminho. Ele foi recebido alegremente pelo governador, que lhe deu muitos presentes com os quais ele ficou contente.

O governador mandou que o intérprete lhe dissesse e com toda verdade descobrisse o caminho da terra povoada.

Ele disse que fazia muitos dias que não havia ido pelo caminho, mas que sabia e havia andado muitas vezes indo para Tapuaguaçu, e que desde ali se vê a fumaça de todo o povoado daquelas terras. Disse que ia a Tapuaguaçu comprar flechas que existem naquele lugar e que deixou de ir porque, antes de chegar, viu a fumaça que os índios faziam e reconheceu que outros índios começavam a vir povoar aquelas terras, que queriam viver nela, pois deixavam-na despovoada em tempos de guerras. E, para que não o matassem, ele não ousava ir pelo caminho, que já estava bem fechado, e só com muito trabalho se poderia ir, em dezesseis dias, até Tapua, cortando árvores e abrindo caminho.

Se Cabeza de Vaca usa o recurso à cristandade como um meio de angariar o auxílio dos índios, JSS foi mais além, adiantando em sua tradução um apelo que só viria mais adiante – se o guia gostaria de mostrar o caminho aos cristãos – e uma resposta muito pontual do nativo – que os acompanharia de boa vontade apesar do medo dos habitantes daquela terra. Outra vez, JSS também não traz informações mais ou menos exatas como as oferecidas pelo narrador do *Comentários*: que a mata era fechada e que, até Tapua, deveriam prosseguir por 16 dias. Aquilo em que JSS se excedeu encontra-se nas páginas 244 e 245 do *Comentarios*:

Fue preguntado si quería ir con los cristianos a les enseñar el camino, y dijo que si iría de buena voluntad, aunque tenía gran miedo a los indios de la tierra; y, vista la relación que dio el indio, y la dificultad y el inconveniente que decía del camino, mandó el gobernador juntar a los oficiales de Su Majestad y a los clérigos y capitanes, para tomar parecer con ellos de lo que se debía hacer sobre el descubrimiento platicado con ellos, lo cual el indio decía; dijeron que ellos habían visto que a la maior parte de los españoles les faltaba el bastimento, y que tres días hacía que no tenían que comer, y que no lo osaban pedir por el desorden que en lo gastar habían habido y tenido, y viendo que la primera guía que habíamos traído, que había certificado que al quinto día hallaría de comer y tierra muy poblada y muchos bastimentos; y debajo de esta seguridad, y creyendo ser así verdad, habían puesto los cristianos e indios poco recaudo y menos guarda en los bastimentos que habían traído, porque cada cristiano traía para sí dos arrobas de harina; y que mirase que en el bastimento que quedaba no les bastaba para seis días y que, pasados éstos, la gente no tenía qué comer, y que les parecía que sería caso muy peligroso pasar adelante sin bastimentos con que se sustentar, mayormente que los indios nunca dicen cosa cierta; que podría ser que donde dice la guía que hay dieciséis jornadas; hubiese muchas más, y que cuando la gente hubiese de dar la vuelta no pudiese, y de hambre se muriesen todos, como ha acaecido muchas veces en los descubrimientos nuevos que en todas partes se han hecho, y que les parecía que, por la seguridad y vida de estos cristianos e indios que traía, se debía de volver con ellos al puerto de los Reyes, donde había salido y dejado los navíos, y dque allí podrían tornar a fornecer y proveer de más bastimentos para proseguir la entrada; y que esto era su parecer y que, si

necesario fuese, se lo requerían de parte de Su Majestad (CABEZA DE VACA, 1992, p. 244-245).

A tradução do excerto está assim feita por JSS:

Diante das informações do novo guia, o governador resolveu reunir os clérigos e oficiais para ter o parecer deles sobre o que fazer, pois percebia que a maior parte dos espanhóis já estava sem mantimentos, estando alguns há três dias sem ter o que comer, o que acontecera porque o primeiro guia que pegaram havia dito que no quinto dia de caminhada encontrariam terra muito povoada e com muitos mantimentos. Como não haviam encontrado, não só ficaram sem mantimentos, como também muito desconfiados da veracidade das informações. Os mantimentos que traziam eram suficientes apenas para mais seis dias. Por isso, entendiam os consultados, era muito perigoso ir adiante sem antes se certificarem da obtenção de mantimentos. Segundo o guia, o primeiro povoado rico em mantimentos terra adentro estaria a dezesseis jornadas, mas caso não o encontrassem todos acabariam morrendo de fome, como já aconteceu com muitos empenhados em descobrimentos. E que lhe parecia que, para segurança e vida desses cristãos e índios que trazia, no total uns três mil, o melhor era retornarem ao porto dos Reis, onde haviam deixado os navios, pois ali poderiam se municiar novamente de mantimentos para prosseguirem a entrada. Esse era o seu parecer (1999, p.213).

Nossa tradução é esta:

Foi perguntado [ao guia] se queria ir com os cristãos para lhes ensinar o caminho. Ele disse que iria de boa vontade, ainda que tivesse grande medo dos índios da terra.

E vendo o relato que deu o índio, a dificuldade e o inconveniente que dizia do caminho, o governador mandou reunir os oficiais, os clérigos e os capitães de Sua Majestade, para tomar parecer do que devia fazer sobre o que o índio dizia conversado. Eles lhe disseram que haviam visto que à maior parte dos espanhóis faltava-lhes mantimentos. Já fazia três dias que não tinham o que comer e que não ousavam pedir para não gastar, porque não houvera excesso. Disseram que o primeiro guia que tinha vindo havia certificado que no quinto dia encontraria de comer e terra bastante cercada de muitos mantimentos. Acreditando ser verdade, haviam posto os cristãos e os índios pouco cuidado e menos guarda [no consumo] dos mantimentos que haviam trazido, pois cada cristão trazia para si duas arrobas de farinha. Disseram que os mantimentos que sobraram não dava para seis dias e, depois disso, aquela gente não teria o que comer e que parecia muito perigoso continuar sem mantimentos para se sustentar. Principalmente que os índios nunca dizem coisa certa. Podia ser que onde o guia disse que eram dezesseis jornadas, fosse muito mais, e quando aquela gente tivesse que retornar, não pudesse, e todos morressem de fome, como já aconteceu muitas vezes nos novos descobrimentos que em todos os lugares se têm feito. E que parecia que, pela segurança e pela vida desses cristãos e índios que trazia, devia voltar com eles ao porto dos Reis, de onde haviam saído e deixado os navios, e que ali podiam tornar a se prover de mais mantimentos e prosseguir a entrada. Este era seu parecer e que se fosse necessário requeriam da parte de Sua Majestade.

A preocupação com a falta de víveres é outro tema recorrente na narrativa de Cabeza de Vaca e é isso que nossa tradução esclarece. Além disso, novamente o

governador mostra-se preocupado com o coletivo, composto tanto por espanhóis quanto por índios amigos, reunindo-se em assembléia para deliberar os rumos a tomar em situação tão importante.

No Capítulo LXIX, outra personagem é colocada em cena:

De cómo vino de la entrada el capitán Francisco de Ribera

A veinte días del mes de enero del año de 1544 vino el capitán Francisco de Ribera con los seis españoles que con él envió el gobernador y con la guía que consigo llevó, y con tres indios que le quedaron, de los once que con él envió de los guaraníes; los cuales todos envío, como arriba he dicho, para que descubriese las poblaciones y las viese por vista de ojos desde la parte donde el gobernador se volvió.

Y ellos fueron su camino en busca de Tapuaguazu, donde la guía decía que comenzaban las poblaciones de los indios de toda la tierra; y, llegado con los seis cristianos, los cuales venían heridos, toda la gente se alegró con ellos, y dieron gracias a Dios de verlos escapados de tan peligroso camino; porque en la verdad el gobernador los tenía por perdidos, porque de los once indios que con ellos habían ido se habían vuelto los ocho, y por ello el gobernador hubo mucho enojo con ellos y los quiso castigar, y los indios principales sus parientes le rogaban que los mandase ahorcar luego como se volvieron porque habían dejado y desamparado a los cristianos, habiéndoles encomendado y mandado que los acompañasen y guardasen hasta volver en su presencia con ellos, y que pues no lo habían hecho, que ellos merecían que fuesen ahorcados, y el gobernador se lo reprendió, con apercibimiento de que si otra vez lo hacían los castigaria, y por ser aquella la primera les perdonaba, por no alterar a todos los indios de su generación (CABEZA DE VACA, 1992, p.251).

JSS assim traduziu a citação o capítulo acima citado:

A entrada do capitão Francisco de Ribera

Aos vinte dias do mês de janeiro do ano de 1544 chegou o capitão Francisco de Ribera, que, com seis espanhóis, onze índios guaranis e mais um guia, fora enviado pelo governador para tentar descobrir as terras de dentro. Dos onze índios que levou retornaram apenas três. Os outros oito haviam voltado antes, o que fora motivo de grande revolta por parte do governador, que quis inclusive castigá-los. Com o retorno desses índios todos temeram pela sorte dos espanhóis, pelo fato de ficarem desamparados, de forma que o retorno dos mesmos foi fator de grande alegria, pelo que deram graças a Deus. Os principais queriam que o governador mandasse enforcar aqueles oito índios logo que retornaram, mas ele disse que não faria isso por ser a primeira vez que cometeram o desacato (1999, p.221).

Traduzamos, pois, o mesmo excerto:

De como retornou da entrada o capitão Francisco de Ribera

Aos vinte dias do mês de janeiro do ano de 1544, chegou o capitão Francisco de Ribera com os seis espanhóis que com ele enviou o governador e com o guia que levou consigo, e mais três índios dos que ficaram e onze índios

guaranis, todos enviados para descobrir as terras e para que vissem de perto desde a parte de onde o governador voltou.

Eles seguiram seu caminho em busca de Tapuaguaçu, onde o guia disse que começavam as povoações dos índios daquela terra. Chegaram com seis cristãos feridos. Todos ficaram alegres e deram graças a Deus de vê-los livres de tão perigoso caminho, porque na verdade o governador já os tinha por perdidos, pois dos onze índios que com eles haviam ido, oito tinham fugido. Por isso o governador ficou muito aborrecido com eles, querendo castigá-los. Os índios líderes, seus parentes, rogaram-lhe que fossem enforcados assim que voltassem, porque não protegeram os cristãos encomendados de acompanhar. O governador os repreendeu e os previniu de que seriam perdoados por ser a primeira vez, [a fim de não prejudicar as relações dos espanhóis com os demais de sua tribo].

Se a tradução de JSS condensa os detalhes da ida e do retorno da expedição de Francisco de Ribera, por outro lado, assim como a nossa, não deixa de fazer menção à aquiescência dos próprios índios quanto ao merecimento de castigos para aqueles que foram com os cristãos, porém, atemorizados pelos perigos do caminho, retornassem ao povoado. É esse compartilhamento de ideias, de proposições de castigos, de atitudes que causa a dúvida no leitor do *Comentários*: até que ponto são verossímeis os fatos narrados por Cabeza de Vaca no seu contato com os índios das paragens de Assunção?

No Capítulo LXXIII, lemos:

De lo que aconteció al gobernador y su gente en este puerto

[...] Y embarcada la gente, así cristianos como indios, se vino al puerto y ciudad de la Ascensión en doce días, lo que había andado en dos meses cuando subió; aunque la gente venía a la muerte, enferma, sacaban fuerzas de flaqueza con deseo de llegar a sus casas; y cierto no fue poco el trabajo, por venir como tengo dicho, porque no podían tomar armas para resistir a los enemigos, ni menos podían aprovechar con un remo para ayudar ni guiar los bergantines; y si no fuera por los versos que llevábamos en los bergantines, el trabajo y peligro fuera mayor.

Traíamos las canoas de los indios en medio de los navíos, por guardarlos y salvarlos de los enemigos hasta volverlos a sus tierras y casas; y, para que más seguros fuesen, repartió el gobernador algunos cristianos en sus canoas, y con venir tan recatados, guardándonos de los enemigos, pasando por tierra de los indios guaxarapos, dieron un asalto con muchas canoas en gran cantidad, y dieron en unas balsas que venían junto a nosotros, y arrojaron un dardo, y dieron a un cristiano por los pechos y pasáronlo de parte a parte, y cayó luego muerto, el cual se llamaba Miranda, natural de Valladolid, e hirieron algunos indios de los nuestros; y si no fueran socorridos con los versos, nos hicieron mucho daño. Todo ello causó la flaqueza grande que tenía la gente (CABEZA DE VACA, 1992, p.258-259).

Vejamos como ficou a tradução de JSS:

Retorno do capitão Hernando de Ribera

Embarcada a gente, em doze dias chegaram ao porto e cidade de Ascensión, percorrendo um trajeto em que levaram dois meses quando foram rio acima. Como vinham todos muito doentes, mas loucos para chegar, tiravam forças da fraqueza para conduzir os bergantins e combater os inimigos que foram encontrando pelo caminho. Nesse particular não foi pouco o trabalho que tiveram que enfrentar, pois seguidamente, tinham que largar os remos para pegar nas armas e enfrentar os índios que os atacavam. Não fosse pelos versos que eram levados nos bergantins e o trabalho e perigo teria sido maior. Os índios guaranis vinham em suas canoas em meio aos bergantins para serem protegidos dos outros que queriam matá-los. Para melhor protegê-los, o governador ainda colocou alguns cristãos nas canoas. Quando passavam pela terra dos guaxarapos estes vieram em grande quantidade para atacá-los, jogando flechas e dardos. Um destes dardos atingiu no peito um cristão chamado Miranda, natural de Valladolid, que caiu morto ali mesmo. Feriram ainda oito cristãos, que não puderam ter grande reação devido à fraqueza em que vinham (1999, p.227).

Nossa tradução é esta:

Do que aconteceu ao governador e sua gente neste porto

Embarcada a gente, tanto cristãos como índios, chegaram ao porto e à cidade de Assunção em doze dias, o que havia durado dois meses quando foram rio acima. Todos vinham muito doentes, morrendo, tiravam forças da fraqueza, com vontade de chegar em suas casas. Não foi pouco o trabalho que tiveram para vir, porque não podiam tomar armas para combater os inimigos, nem ao menos podiam aproveitar os remos para ajudar a guiar os bergantins. Não fosse pelos versos⁴¹ que levávamos nos bergantins o trabalho e o perigo seriam maiores.

Trazíamos as canoas dos índios no meio dos navios, para guardá-los e salvá-los dos inimigos até que eles voltassem para suas terras e casas. E para que ficassem mais seguros, o governador dividiu alguns cristãos em suas canoas. Como vinham muito resguardados, protegendo-se de seus inimigos, quando passavam pelas terras dos guaxarapos foram atacados pelos índios, que vieram em grande quantidade em suas canoas, e atingiram umas balsas que vinham junto a nós, atiraram um dardo que acertou no peito de um cristão chamado Miranda, natural de Valladolid, que logo caiu morto. Alguns de nossos índios foram feridos. Se não fossem socorridos pelos versos, os danos teriam sido maiores. Tudo isso causou muito desânimo naquela gente.

O trecho final da tradução de JSS tem uma visada diversa daquela que trouxemos para nossa tradução: se ele atribui à fraqueza que acompanhava aqueles que estavam junto do governador a falta de grandes reações aos ataques inimigos, nós enxergamos nos ataques, somados às atribulações sofridas anteriormente, o desânimo que marca a chegada ao porto de Assunção. Nossa opção segue orientação do *Diccionario de la Real Academia Española* sobre a expressão *ello*: “*loc. verb. U. para iniciar la explicación de algo mencionado previamente*”.

⁴¹ Versos: peças de artilharia de baixo calibre, compridas, para longo alcance.

Vejam os mais um excerto da obra de Cabeza de Vaca:

A ocho días del mes de abril del dicho año llegamos a la ciudad de la Ascensión con toda la gente y navíos e indios guaraníes, y todos ellos y el gobernador, con los cristianos que traía, venían enfermos y flacos.

Y, llegado allí el gobernador, halló al capitán Salazar, que tenía hecho llamamiento en toda la tierra, y tenía juntos más de veinte mil indios y muchas canoas, y para ir por tierra otra gente a buscar y matar y destruir a los indios agaces, porque después que el gobernador se había partido del puerto no habían cesado de hacer la guerra a los cristianos que habían quedado en la ciudad, y a los naturales, robándolos y matándolos y tomándolos las mujeres y hijos, y salteándoles la tierra y quemándoles los pueblos, haciéndoles muy grandes males; y como llegó el gobernador, cesó de ponerse en efecto, y hallamos la carabela que el gobernador mandó hacer, que casi estaba ya hecha, porque en acabándose había de dar aviso a Su Majestad de lo sucedido, de la entrada que se hizo de la tierra y otras cosas sucedidas en ella, y mandó el gobernador que se acabase (CABEZA DE VACA, 1992, p.259).

A tradução do excerto foi alocada por JSS no Capítulo V – Governador chega a Ascención e é preso:

Capítulo V – Governador chega a Ascención e é preso

Aos oito dias do mês de abril do dito ano, o governador chegou à cidade de Ascención com sua gente, navios e índios guaranis, todos muito enfermos e fracos. Chegando ali encontrou o capitão Salazar, que tinha feito um chamamento em toda a terra, reunindo mais de vinte mil índios e muitas canoas, para ir por terra e água atacar os índios agaces. Isto porque desde que o governador partira eles não pararam de atacar os cristãos que haviam ficado na cidade. Tinha conseguido fazer muitos danos aos nativos, roubando suas mulheres e filhos, saqueando suas terras e casas e colocando fogo em tudo que podiam. Com a chegada do governador cessaram esta mobilização. O governador também encontrou quase pronta a caravela que mandara construir para ir dar conhecimento a Sua Majestade sobre tudo o que por ali se passavam bem como sobre as entradas que havia realizado [...] (1999, p.228).

Nossa opção para a tradução do mesmo trecho é esta:

Aos oito dias do mês de abril do dito ano, chegamos à cidade de Assunção com toda a gente, navios e índios guaranis. O governador e os cristãos que trazia, todos eles vinham enfermos e fracos.

Tendo chegado ali o governador, encontrou o capitão Salazar, que tinha convocado toda a terra, reunindo mais de vinte mil índios e muitas canoas, para irem por terra outra gente procurar e matar os índios agazes, porque depois que o governador partiu do porto, não paravam de fazer guerra aos cristãos que ficaram na cidade. Roubavam e matavam os nativos tomando-lhes as mulheres e os filhos, saqueando as terras e queimando os povos, causando muitos prejuízos. Como o governador chegasse, esses males cessaram.

Encontramos quase pronta a caravela que o governador mandou fazer, para dar conhecimento a Sua Majestade do acontecido, das entradas que foram

realizadas e outras coisas que sucederam, e o governador determinou que se terminasse de construí-la (Tradução nossa).

O que pode parecer um detalhe de menor importância não foi por nós burlado, como o fez JSS: a ordem era atacar e matar os agazes e não somente os atacar, pois eles estavam colocando em risco a vida das pessoas e também o sucesso da empresa espanhola na região de Assunção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho desenvolvemos algumas reflexões baseadas nos estudos de teóricos da tradução, sobretudo Jacques Derrida e Rosemary Arrojo. É precisamente a partir da desconstrução desenvolvida por Derrida que foram repensados alguns problemas que unem e separam as ideias de tradução e de original, de leitor e de texto, de autor e de tradutor, normalmente empobrecedoras e limitantes da discussão teórica sobre a tradução.

O que é tradução? Não é fácil definir tradução. No *Dicionário Aurélio*, tradução tem várias acepções:

[...] ato ou efeito de traduzir. Traduzir = **1** transpor, trasladar de uma língua para outra; **2** Revelar, explicar, manifestar, explanar; **3** Ser o reflexo ou a imagem de; representar, simbolizar; **4** Trasladar de uma língua para outra; verter; **5** Traduziu; **6** Saber traduzir; ser capaz de o fazer; **7** Exercer a profissão de tradutor; **8** Efetuar tradução; **9** Transparecer, manifestar (2004, p. 1279).

No *Houaiss*, em sua versão eletrônica, temos:

1 versão de uma língua para outra; **1.1** LING. operação que consiste em fazer passar um enunciado emitido numa determinada língua (língua- fonte) para o equivalente em outra língua (língua-alvo) ambas conhecidas pelo tradutor; assim, o termo ou discurso original torna-se compreensível para alguém que desconhece a língua de origem; **2** obra traduzida; **3** transposição de uma mensagem de uma forma gráfica para outra; **4** fig. Aquilo que reflete, que expressa de modo indireto; repercussão, imagem, reflexo; **5** ato para tornar claro o significado de algo; interpretação, compreensão, explicação; **6** INF processo por meio do qual se converte uma linguagem em outra; **7** GEN etapa da síntese de proteínas na qual o ARN mensageiro dirige a síntese da proteína pelo ribossomo; translação.

Percebemos que temos vários caminhos para definir o que seja tradução. Para Eco (2007) significa “dizer a mesma coisa”. “Mas, diante de um texto a ser traduzido, não sabemos também o que é a *coisa*. E, enfim, em alguns casos é duvidoso até mesmo o que quer dizer *dizer*” (ECO, 2007, p. 9).

Toda língua é um sistema completo, no entanto não é fechado. É possível relacionar várias línguas, passando de um sistema linguístico para outro. Existem duas possibilidades: a da tradução e a do políglotismo. A tradução parece nos dizer: uma frase no original e na tradução a “mesma coisa”, portanto, “a coisa em si”. A

possibilidade do poliglotismo parece nos dizer: posso pensar em duas línguas diferentes, portanto sou independente da língua na qual penso, podendo recorrer a outras tantas para pensar. ”O monstro da coisa em si e do *Eu* absoluto reergue sua cabeça dupla” (FLUSSER, 2007, p. 56).

Flusser (2007) analisa com paciência o processo aparentemente simples de tradução de uma frase em língua portuguesa para a língua inglesa. O processo tem dois aspectos distintos: é feita uma ligação entre duas frases, uma inglesa e uma portuguesa. O intelecto transporta, salta do (cosmo) ou do sistema linguístico português para o inglês. Embora sejam dois aspectos do mesmo processo, é bom distinguir que um parece referir-se à coisa em si e o outro ao *Eu* absoluto.

Tomemos o exemplo citado por Flusser, a tradução da frase *Eu vou* por *I go*. Existe um conjunto chamado língua portuguesa e um conjunto chamado língua inglesa. Há, ainda, um terceiro conjunto chamado “realidade dos dados brutos” (cf. FLUSSER, 2007). Os dois primeiros conjuntos equivalem a símbolos que significam os dados do terceiro conjunto. A cada dado bruto corresponde uma palavra portuguesa e uma palavra inglesa. Portanto, a tradução é legítima.

Um outro aspecto da tradução é a aparente passagem de uma língua para outra: o que acontece quando traduzimos do *Eu vou* para o *I go*? Enquanto pensamos *Eu vou*, estamos amparados na realidade portuguesa *Eu vou*, com um significado determinado. Porém, durante a tradução, estamos à beira de um precipício. *Eu vou* está situado dentro de uma realidade, a da língua portuguesa, *I go*, dentro de outra, a inglesa; e entre o precipício, uma espécie de estado de aniquilamento.

No processo tradutório, o sujeito ultrapassa o horizonte da língua, tornando-a nada. A tradução só é possível com as semelhanças das línguas e a possibilidade da tradução diminui com a diminuição das semelhanças. A tradução *ipsis litteris* é, *a priori*, impossível.

Na década de 1990, surgiram duas imagens de tradutor: a primeira, o tradutor como sujeito importante para a difusão da cultura, como mediador cultural, um intérprete criativo; a segunda, o tradutor como aquele que estabelece desigualdades nas relações de poder, o que se reflete na mecânica da produção do texto.

Os Estudos de Tradução possibilitaram avançar diante de um passado de desigualdade, apresentado em termos de ser o texto original superior à “cópia” em outra língua que seria o produto da tradução.

Depois dos relevantes trabalhos de especialistas e de escritores como Octavio Paz, Carlos Fuentes, Haroldo e Augusto de Campos, todos latino-americanos, reivindicou-se uma nova visada sobre a tradução. Estabeleceram-se semelhanças com a experiência colonial, reavaliando o papel e o significado da tradução. O original, visto como superior à sua tradução, o era do mesmo modo que a cultura do colonizado – inferior –era baseada na cultura do colonizador – superior. Como tal, a tradução estava condenada a ocupar uma posição inferior com relação ao texto de partida.

Atualmente, a mobilidade dos povos em todo o mundo reflete-se no processo de tradução. A tradução não é vista somente como a transferência de textos de uma língua para outra; ela também é avaliada como um processo de negociação entre textos e culturas, um processo que acontece como qualquer tipo de transação, desta feita mediada pela figura do tradutor.

Homi Bhabha usa o termo “tradução” metaforicamente para descrever a condição do mundo contemporâneo, um mundo onde as pessoas todos os dias migram de lugar. Neste mundo a tradução é fundamental: “Para esse fim deveríamos lembrar que é o “inter” – o fio cortante da tradução e da negociação o entre lugar – que carrega o fardo do significado da cultura” (BHABHA, 2005, p. 68).

A tradução é uma forma de leitura que implica uma leitura dupla, para que o leitor possa comparar os textos e fazer da diferença ou do princípio de equivalência os dois eixos da sua leitura.

O texto estrangeiro, mesmo em tradução, conserva o seu caráter estrangeiro. Conseqüentemente, o texto traduzido faz parte da imagem e da representação do estrangeiro. Conserva o estatuto de cultura estrangeira a que ainda está ligado mesmo quando traduzido, transposto para outra cultura, permitindo a compreensão do que podem ser os limites linguísticos e culturais do Outro.

Trata-se de estudar e compreender segundo que princípios linguísticos e culturais se fazem as traduções, que carregam, mais ou menos, o caráter de adaptação. A tradução existe em função da recepção de um determinado público. O problema da tradução desloca-se da sua natureza linguística para a sua função cultural. Daí a ideia de que a tradução se apóia em alguns processos de negociação, no quais se renuncia a alguma coisa para obter outra. As partes em jogo nos processos de negociação são muitas vezes desprovidas de iniciativa: de um lado, o texto fonte com seus direitos autônomos; algumas vezes a figura do autor com suas eventuais pretensões de controle; e toda a cultura em que o texto foi gerado; do outro, o texto de chegada e a cultura em

que se insere, com um sistema de expectativa de seus leitores estrangeiro e da indústria editorial, que prevê critérios diversos de tradução, conforme o destino do texto de chegada.

Há traduções que enriquecem a língua de destino, conseguindo dizer mais que o texto fonte. O distanciamento cultural insere no texto de chegada alguns componentes que não se encontravam no texto original, transformando-o.

Suprimindo alguns elementos que seriam desconhecidos para o leitor, introduzindo outros que lhe são familiares, o tradutor facilita sua aceitação, possibilitando uma boa acolhida.

Comentários traduzido por JSS em 1999 é uma tradução, ainda que JSS suprimiu, primeiramente, as redundâncias que permeiam o texto de Cabeza de Vaca. O que no século XVI fazia parte do estilo de composição de um relato de viagem, ou seja, a redundância, na escrita contemporânea é rechaçada. Se levarmos em conta também o fato de JSS ser jornalista, podemos entender ainda mais sua tradução, eivada de uma concisão apropriada dos textos jornalísticos.

Considerando o acima exposto, lemos a tradução de JSS com a ligeireza dos nossos atos mais prosaicos, como se estivéssemos lendo as aventuras de um explorador espanhol na América Platina do século XVI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lysley Nascimento. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- ALMEIDA, João Ferreira de (trad.). *A Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1972.
- ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropófago*. Disponível em: <<http://www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifantropof.html>> Acesso em: 21 set. 2008.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1990.
- ARROJO, Rosemary. *O Signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- _____. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. *Oficina da Tradução. A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- ATLAS HISTÓRICO ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA DO BRASIL. São Paulo: Editorial Marin, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin. In: _____; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, Polifonia e Enunciação*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução*. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BENEDETTI, Ivone C.; SOBRAL, Adail (Orgs.). *Conversas com Tradutores: Balanços e Perspectivas da Tradução*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

- BORGES, Jorge Luis. *Ficciones*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.
- BUENO, Eduardo. Introdução. In: CABEZA DE VACA, Álvaro Núñez. *Naufrágios e Comentários*. Trad. Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre: L&PM POCKET, 1999.
- CABEZA DE VACA, Álvaro Núñez. *Naufrágios e Comentários*. Trad. Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre: L&PM POCKET, 1999.
- _____. *Comentários*. [s.t]. Curitiba: Coleção Farol do Saber, 1995.
- _____. *Naufragios e Comentaros*. Madrid: Anaya, 1992.
- CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. In: ARROYO, Leonardo. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976.
- CAMPOS, Haroldo de. *Ruptura dos Gêneros na Literatura Latino-Americana*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1980.
- CLAVE. *Diccionario de uso del español actual*. Madrid: SM, 2000.
- COLÓN. *Diario de Colón*. Prólogo de Gregorio Marañón. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1968
- CORACINI, Maria José. O cientista e a noção de sujeito na linguística: expressão de liberdade ou submissão? In: ARROJO, Rosemary (Org). *O Signo desconstruído*. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- COSTA, Rogério Haesbaert da. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- _____. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, Paulo (Org.). *Tradução: a prática da diferença*. Trad. Érica Lima. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2005.
- _____. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva; Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Disponível em: <<http://www.rae.es>>. (Versão online).
- ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FERREIRA, Eliana Fernanda Cunha. *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*. São Paulo: Annablume; Rio de Janeiro: ABL, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo 2004.

- FISCH, Stanley. *Is there a text in this class? Alfa Revista de Lingüística*, São Paulo, UNESP, v. 36, p. 191-205, 1992.
- FLUSSER, Vilém. *Língua e Realidade*. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2007.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil; História da Província de Santa Cruz*. São Paulo: EDUSP, 1980.
- GENETTE, Gerard. *Discurso da Narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 2008. (Versão Eletrônica).
- KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: EDUSP, 1980.
- MACHADO, Álvaro Manoel; PAGEAUX, Henry. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- MICHAEL, Joachim; SHÄFFAUER, Markus Klaus. *El Pasaje Intermedial de los Géneros*. 2001. p. 1-23. Cópia reprográfica.
- MILANI, Esther Maria. *Gramática de espanhol para brasileiros*. 2. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2000.
- MILTON, John. *O Poder da Tradução*. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária – Prosa II*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- _____. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- NÓBREGA, Manoel da. *Cartas do Brasil, 1549-1560*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.
- OLIVIERI, Antonio Carlos; VILLA, Marco Antonio. *Cronistas do Descobrimento*. São Paulo: Ática, 2000.
- PIERINI, Margarida. *La mirada y el discurso: la literatura de viajes*. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: Palavra Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: Unicamp, 1994. (V. 2; Emancipação do Discurso).
- PIZARRO, Ana. *América Latina: Palavra Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: Unicamp, 1993.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1988. (Coleção Afrânio Peixoto).

- STALLONI, Yves. *Os Gêneros Literários*. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SING, Chiang. *O livro das maravilhas de Marco Pólo*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- THEVET, André. *As singularidades da França Antártica*. Trad. Eugênio Amado. São Paulo: EDUSP, 1978.
- TODOROV, Tzvetan. *A Viagem e seu Relato*. Revista de Letras, UNESP, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-24, 1999.
- _____. *O Gênero do Discurso*. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Vilela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- ZUBIZARRETA, Carlos. *Capitanes de la Aventura*. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1957.